

**UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE DE MONTENEGRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: LICENCIATURA**

DJENIFFER HEINZMANN CHASSOT

A PRÁTICA DO CANTO DIRIGIDO ENTRE MÃES E BEBÊS

**MONTENEGRO
2021**

DJENIFFER HEINZMANN CHASSOT

A PRÁTICA DO CANTO DIRIGIDO ENTRE MÃES E BEBÊS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Graduação em Música: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Rolim Wolffenbüttel.

**MONTENEGRO
2021**

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

C488p Chassot, Djeniffer Heinzmann

Prática do canto dirigido entre mães e bebês, A/ Djeniffer Heinzmann Chassot. – Montenegro, 2021.

72 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Música (Licenciatura), Unidade em Montenegro, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristina Rolim Wolffenbüttel

1. Bebê. 2. COVID-19. 3. Educação Musical 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Wolffenbüttel, Cristina Rolim. II. Curso de Música (Licenciatura), Unidade em Montenegro, 2021. III. Título.

DJENIFFER HEINZMANN CHASSOT

A PRÁTICA DO CANTO DIRIGIDO ENTRE MÃES E BEBÊS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
conclusão do curso de Graduação em
Música: Licenciatura, da Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Rolim
Wolffenbüttel

Aprovada em:/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristina Rolim Wolffenbüttel (Orientadora)
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Cristina Bertoni dos Santos
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Psic. Me. Fabiane Araujo Chaves
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

*Dedico este trabalho à minha mãe,
que sempre cantou para mim...*

AGRADECIMENTOS

Finalizar mais esta etapa de minha vida acadêmica, é uma felicidade e orgulho sem tamanhos. Acredito profundamente no poder que a educação tem, ela nos transforma e amplia nossos horizontes. Durante esta jornada, tive muitos anjos comigo, me auxiliando, confortando e se fazendo presente.

Primeiramente preciso agradecer a minha mãe e irmã, que me deram suporte diariamente, sendo para me buscar a meia noite em outra cidade após as aulas ou me aguentando enquanto passava por momentos difíceis. Sem vocês, certamente não teria conseguido. Agradeço também, a toda minha família que me apoiou e torceu pelo meu êxito, me auxiliando sempre que necessário.

De modo especial, agradeço a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, universidade pública, gratuita e de qualidade, por ofertar o curso de música em tamanha excelência. A minha querida orientadora, professora Cristina Rolim Wolffenbüttel, por além de ser uma professora esplêndida, ser um ser humano incrível, que não mede esforços para me ajudar. Agradeço profundamente também, a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer na universidade, em especial aos queridos professores do curso de música, os quais tive mais contato: Cristina Bertoni dos Santos, Paulo Bergmann, Daltro Keenan, e Júlio Pires.

Agradeço meus queridos colegas de graduação, com quem tive inúmeros momentos de confraternização e aprendizados. Destes colegas, preciso enfatizar, que por gentileza do universo, tive a oportunidade de construir amizades que carregarei em meu coração pelo resto da vida. Preciso mencionar também aqui, os meus colegas do grupo de extensão, que tive o privilégio de conhece-los durante a pandemia, sendo este um momento tão atípico de nossas vidas. Com toda certeza, o grupo, colegas e as ações da extensão foram como brilho da lua cheia em meio a escuridão da noite, para mim.

Aos meus amigos de vida, que acompanharam todo esse processo, conheceram uma Djeni antes da faculdade e outra durante a faculdade. Fizeram-se presentes e entenderam esta minha evolução.

Por fim, gostaria de agradecer a minha avó e bisavó, que já se encontram em outro plano, mas que com toda certeza, através das melodias que cantavam para minha mãe, me influenciaram também.

A vida é mais feliz sendo compartilhada com vocês! Gratidão.

RESUMO

A infância tem papel determinante no desenvolvimento das pessoas. Para tanto, seus entrelaçamentos com a música tornam-se primordiais, desde a mais tenra idade. Partindo desses pressupostos, o presente estudo teve como objetivo investigar a prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade, analisando as motivações para esta prática, bem como quais as maneiras que ocorre. Os dados coletados para esta pesquisa foram obtidos a partir da realização da ação de extensão denominada “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, vinculada à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul que, em sua segunda edição, foi realizada durante o primeiro semestre de 2021. Esta pesquisa teve como metodologia a investigação qualitativa, sendo do tipo documental, no qual analisou os documentos coletados durante as ações da extensão. Para a análise dos dados obtidos a técnica utilizada foi a análise de conteúdo segundo Bardin (2016). Para referencial teórico utilizou-se principalmente autores como Parlato-Oliveira (2019), Ilari (2002), Parizzi (2020), Trehub (1997, 2015), Gordon (2015) e Kraemer (2000), apresentando conceitos sobre a musicalidade em bebês, canto dirigido e educação musical informal. Ao concluir observou-se que a prática do canto dirigido é algo natural no cotidiano das famílias, sendo o mesmo utilizado principalmente para fazer o bebê dormir, brincar e para dar banho, utilizando repertório de músicas folclóricas e infantis. Por unanimidade, a prática do canto com bebês foi considerada pelas mães participantes, muito positiva e benéfica ao desenvolvimento integral da criança, especialmente sobre a aquisição da linguagem e criação de vínculos afetivos.

Palavras-chave: Educação Musical, Música, Educação Informal, COVID-19, Bebê.

ABSTRACT

Childhood plays a decisive role in people's development. Therefore, their intertwining with music becomes paramount, from an early age. Based on these assumptions, this study aimed to investigate the practice of directed singing among mothers and infants from zero to two years old, analyzing the motivations for this practice, as well as the ways in which it occurs. The data collected for this research were obtained from the extension action called "Musical Experiences for Babies and Families", linked to the Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, which, in its second edition, was held during the first semester of 2021. This research had as methodology the qualitative investigation, being the research of the documental type, in which it analyzed the documents collected during the extension actions. To analyze the data obtained, the technique used was content analysis according to Bardin (2016). As theoretical references there are mainly authors such as Parlato-Oliveira (2019), Ilari (2002), Parizzi (2020), Trehub (1997, 2015), Gordon (2015) and Kraemer (2000), presenting concepts about musicality in infants, directed singing and informal musical education. In conclusion, it was observed that the practice of directed singing is something natural in the daily lives of families, being used mainly to make the baby sleep, play and to bathe, using a repertoire of folk and children's songs. Unanimously, the practice of singing with babies was considered by the participating mothers to be very positive and beneficial to the child's integral development, especially regarding language acquisition and the creation of affective bonds.

Keywords: Music Education, Music, Informal Education, COVID-19, Baby.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura.....	18
Quadro 2 – Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura – Prática Musical entre pais e Bebês.....	20
Quadro 3 – Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura - Concepções Musicais sobre o Bebê.....	26
Quadro 4 – Perfil das mães participantes.....	48
Quadro 5 – Repertório utilizado durante a prática do canto.....	51
Quadro 6 – Motivos que as mães utilizam o canto com seus bebês.....	53
Quadro 7 – Canções utilizadas por seus pais quando bebês.....	54
Quadro 8 – Opinião pessoal das mães com relação a prática do canto.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acerca da prática musical entre pais e bebês.....	20
Gráfico 2 – Em qual momento acontece a prática do canto com o bebê.....	50
Gráfico 3 – Hábitos musicais familiares.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 ACERCA DA PRÁTICA MUSICAL ENTRE PAIS E BEBÊS	20
2.2 ACERCA DAS CONCEPÇÕES MUSICAIS SOBRE O BEBÊ	26
3 METODOLOGIA	33
3.1 PROJETO DE EXTENSÃO “VIVÊNCIAS MUSICAIS PARA BEBÊS E FAMÍLIAS”	33
3.2 PESQUISA QUALITATIVA	34
3.3 PESQUISA DOCUMENTAL.....	36
3.4 TÉCNICA PARA COLETA DOS DADOS	37
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	37
4 REFERENCIAL TEÓRICO	40
4.1 DESENVOLVIMENTO MUSICAL DO BEBÊ NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA	40
4.1.1 O bebê como um ouvinte sofisticado	41
4.2 CANTO DIRIGIDO	43
4.3 EDUCAÇÃO MUSICAL INFORMAL.....	44
4.3.1 Os pais como os primeiros educadores musicais	46
5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	48
5.1 PERFIL DAS MÃES PARTICIPANTES.....	48
5.2 PRÁTICA DO CANTO COM O BEBÊ	49
5.2.1 Momentos em que a prática do canto acontece	50
5.2.2 Repertório utilizado durante a prática do canto	51
5.2.3 Quais os motivos que as mães utilizam o canto com seus bebês	52
5.3 VIVÊNCIAS MUSICAIS FAMILIARES.....	54
5.4 OPINIÃO PESSOAL SOBRE A PRÁTICA DO CANTO.....	55
5.5 SÍNTESE DOS RESULTADOS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
ANEXO A – FORMULÁRIO SOBRE AS PRÁTICAS DO CANTO EM FAMÍLIA	66

INTRODUÇÃO

Quando pequena, lembro-me que ao dormir minha mãe cantava e murmurava melodias doces e singelas, ao passar dos anos, descobri que minha avó e bisavó cantavam essas mesmas melodias para minha mãe e seus irmãos, melodias essas com cunho religioso, mas também afetivo, que rastejam por minhas memórias. Hoje, após alguns anos no meio musical, tendo tido participação como integrante de orquestra, grupo de danças e corais, vejo como essas melodias persistem em me influenciar.

Ingressei na graduação em música no ano de 2018, após me formar no Curso Normal (Magistério), com o intuito de me tornar professora de música. Na época lecionava, apenas, aulas particulares de piano e violão para crianças e idosos. Todavia, em 2019 tive a oportunidade de atuar no ensino básico da rede municipal e estadual de Barão-RS, com turmas do Jardim ao 6º ano do ensino fundamental, trabalhando musicalização, ensino de flauta doce e canto coral. Já em 2020, com a necessidade do isolamento social, devido à pandemia da COVID-19, os planos mudaram, as aulas de música nas escolas de ensino regular pararam, pude apenas continuar a dar aulas particulares de instrumentos musicais.

Em meio a um ano atípico, tive a oportunidade de me tornar bolsista de extensão do programa “Educação Musical Diferentes Tempos e Espaços”, o qual me permitiu ter um primeiro contato com o ensino de música para bebês, a partir do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, que ocorreu de maneira remota, tendo encontros semanais com cerca de 10 famílias, de diferentes lugares do Brasil e com bebês de zero a dois anos de idade. Durante o projeto surgiram-me, então, questionamentos que me levaram a essa pesquisa, sendo estes: As mães cantam dirigidamente para seus bebês? Tendo em vista que cantam, em quais momentos acontecem essas práticas? Quais os motivos que levam as mães a cantarem dirigidamente para seus bebês?

Partindo do pressuposto de que as mães possuem o hábito musical com seus bebês, com base nos documentos obtidos pelo projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, na sua segunda edição, foram analisados os

formulários referentes à prática do canto pelas famílias com seus bebês, respondidos pelos participantes.

O Projeto de Extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias” está registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), integrando o Programa “Educação Musical: Música, Educação e Entrelaçamentos”. Em sua segunda edição, foi realizado para bebês, principalmente na faixa etária de zero a dois anos de idade, juntamente com suas mães/responsáveis, durante o período de abril a julho de 2021, de maneira totalmente *on-line*/virtual. Consistiu em quatro encontros mensais de vivências musicais ao vivo pelo canal do *YouTube*, “Educação Musical Diferentes Tempos e Espaços”, tendo uma duração média de 30 minutos cada.

Diante do contexto apresentado, o objetivo geral deste trabalho foi investigar a prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade, participantes do projeto de extensão. Como objetivos específicos, esta pesquisa pretendeu pesquisar a existência da prática do canto dirigido entre mães participantes do projeto de extensão e bebês de zero a dois anos de idade; identificar os momentos em que acontece a prática do canto dirigido entre mães participantes do projeto de extensão e seus bebês de zero a dois anos de idade; e analisar os motivos que levam as mães participantes do projeto de extensão a cantarem para os seus bebês.

Pesquisa documental foi o método utilizado para esse trabalho, possuindo uma abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu através dos formulários pertencentes ao projeto de extensão citado acima; nestes estavam contidas informações referentes à prática do canto em âmbito familiar com os bebês. Com os dados coletados foi feita a análise do conteúdo presente.

Durante a revisão de literatura, inicialmente realizada para os fins desta pesquisa, constatou-se que o presente tema sobre a relação entre bebês e a música é emergente; mas, principalmente com relação ao canto dirigido ao bebê, são poucas as publicações existentes, principalmente em Língua Portuguesa. Sobre o tema, canto dirigido ao bebê, tem-se como embasamento teórico pesquisas lideradas pela psicóloga canadense Sandra Trehub, que busca analisar a reação e

a influência que os bebês sofrem pela fala e canto dirigidos retratando, também, ajustes vocais e comportamentais que os pais fazem ao se dirigirem ao bebê. Pesquisadoras brasileiras como Beatriz Ilari, Esther Beyer, Betânia Parizzi e Angelita Broock também exploram a relação do bebê e a música, em contextos familiares e educacionais, trazendo sua aplicação na educação musical.

Para o bebê, cantar é uma das mais puras demonstrações de carinho e afeto que os pais podem utilizar, pois o canto auxilia no desenvolvimento da relação afetiva entre pais e filho (PAPOUSEK, 1996 *apud* CARNEIRO; PARIZZI 2011). Grande parte da comunicação nessa fase da vida ocorre visual e sonoramente. Ao fazer uso do canto dirigido mantém-se o contato visual e tende-se à aproximação corporal. Os bebês conseguem focalizar imagens a 30 centímetros de distância, “coincidentalmente a mesma distância entre o olhar da mãe e o olhar do bebê durante a amamentação” (PARLATO-OLIVEIRA, 2019, p. 42). O bebê presta atenção nas expressões faciais, e se encanta com as sensações que as vibrações sonoras lhes causam. Carregado de sentimentos, o cantor, sem nem ao menos notar, está sorrindo ao cantar, para transmitir a mais amorosa melodia; sendo assim, “comportamentos e verbalizações de mães e crianças se influenciam reciprocamente” (BRAZ; SALOMÃO, 2002, p. 340).

O afeto é uma chave muito importante na relação mãe-bebê, por isso tem-se a consciência do grande papel que a família exerce sobre a vida da criança, principalmente durante seu desenvolvimento. Para Oliveira *et al.* (2020):

A família tem um enorme papel na vida de uma criança, sendo ela sua primeira base e influência. O meio onde ela vive é importante para a construção de sua conduta. Ela é responsável por ensinar, educar e inserir a criança na sociedade, visto que seus costumes e modo de vida influenciarão a criança. (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 4).

No decorrer da prática do canto dirigido às mães, mesmo que elas não tenham profundos conhecimentos musicais, estarão trabalhando conteúdos musicais involuntariamente e, por vezes, inconscientemente. Exposição e exploração de diferentes sons, timbres e canções dos mais diversos gêneros, fazem parte do trabalho utilizado em aulas de musicalização; sendo assim, a prática do canto em âmbito familiar se enquadra como ensino informal de música.

Neste sentido, é de extrema importância a utilização do canto como prática, sem uma excessiva preocupação estético-musical, “mesmo que o modo de entonação não seja tão afinado, ou entoado despretensiosamente, pois, assim, a criança começa a formar sua bagagem musical” (WOLFFENBÜTTEL, 2019, p. 206).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a música já faz-se presente para os bebês que estão nas escolas de ensino infantil, com faixa etária de zero a um ano e seis meses de idade. No campo de experiências “Traços, sons, cores e formas” tem-se como objetivos o tema:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. [...] Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca.... (BRASIL, 2018, p. 37).

Sendo a BNCC um documento de caráter normativo em âmbito nacional, esta já demonstra a importância de estas experiências serem oportunizadas desde a mais tenra idade, independentemente de julgamentos sobre a abordagem de suas proposições, faço a seguinte ressalva: Por que não iniciar as práticas de musicalização ainda em casa, mesmo que por um ensino informal?

A música é atemporal, se faz presente em todas as ocasiões, sejam elas tristes ou alegres, relaxantes ou empolgantes; a música, em si, tem o poder de aflorar sensações e emergir emoções. Introduzindo o hábito musical com o bebê pode-se trabalhar a união da família, o aprimoramento de habilidades sociocognitivas e sociomotoras, mas, principalmente sua aptidão musical (PARIZZI; RODRIGUES, 2020).

Introduzir bebês à música, desde a mais tenra idade, não é uma questão para que no futuro tenhamos mais instrumentistas e músicos, apesar de que possa ser uma das consequências; a questão que se refere é o possível aumento de apreciadores e admiradores desta arte, entendedores dos benefícios que a Educação Musical e a Arte proporcionam.

Refletir sobre as concepções de Educação Musical, e relacioná-las às vivências dos bebês pode auxiliar no entendimento da importância da família para o desenvolvimento humano e, neste em especial, para o bebê. Entende-se que, com essa pesquisa, também seja possível contribuir para o fortalecimento da Educação Musical como área autônoma.

Portanto, essa pesquisa está dividida da seguinte forma; na revisão de literatura são apresentadas as pesquisas realizadas nos últimos anos, incluindo artigos que tratam de pesquisas relacionadas à prática musical em família e concepções sobre a musicalidade do bebê. Em seguida, tem-se a metodologia, em que é apresentada a estruturação do projeto de extensão que conecta com esta pesquisa, e quais as abordagens metodológicas deste estudo. O referencial teórico é apresentado a seguir, trazendo autores que fundamentam a análise dos dados e que estudaram sobre as temáticas que envolvem este estudo. No capítulo Resultados e Análise dos Dados são apresentados os dados categorizados, sendo transversalizados ao Referencial Teórico. Por fim, é apresentado o capítulo Considerações Finais, que traz as conclusões sobre todo o trabalho desenvolvido e os aspectos importantes pertencentes ao tema de estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao realizar a escrita desta revisão de literatura, foram consultadas plataformas de dados, sendo estas revistas científicas, anais de eventos científicos e um *site* eletrônico para acadêmicos, intitulado *ResearchGate*¹. Este procedimento foi realizado com o intuito de delimitar a área de busca, bem como utilizar materiais com *Qualis* reconhecidos.

Neste sentido, foram selecionados periódicos científicos com *Qualis* A1 e A2, sendo revistas com temáticas em Educação Musical e Educação. Uma das revistas está inserida na área da Arte. Fez-se, também, uma busca nos anais de eventos nacionais e regionais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), pertencentes aos anos de 2003 até 2020. Optou-se, como critério para a seleção, principalmente artigos científicos que tratem da temática presente nesta pesquisa, que trata da prática do canto dirigido entre mães e bebês. As palavras-chave utilizadas para a seleção dos trabalhos foram: bebê, canto e musicalização.

Em um primeiro momento iniciou-se a busca em 16 revistas relacionadas à Educação Musical, sendo elas nacionais e internacionais. Após, fez-se uma busca em 27 revistas com a temática voltada à Educação, destas, todas nacionais. Durante as buscas fez-se necessária a busca de alguns artigos em plataformas secundárias, pois nas revistas em que foram encontrados os materiais, a versão disponibilizada gratuitamente não estava completa. Portanto, a obtenção da versão integral do artigo foi através da plataforma *ResearchGate*, que, devido ao seu algoritmo de funcionamento, sugeria pesquisas semelhantes aos títulos pesquisados.

Dentre as pesquisas encontradas, foram selecionadas aquelas que tiveram conteúdo afim com o que se pretendia pesquisar, sendo as demais, descartadas. Inicialmente foram encontrados 21 títulos resultantes de todas as plataformas

¹ Rede social voltada a profissionais da área de ciência e pesquisadores. É uma plataforma gratuita, que permite aos membros que interajam e colaborarem, em nível mundial, com colegas de trabalho e de campos de estudo, oferecendo diversas ferramentas exclusivas, inclusive com o compartilhamento de produções textuais. Foi fundado em 2008, e tem sua sede em Berlim, na Alemanha. Está disponível no link <https://www.researchgate.net/>

anteriormente citadas. Destes, após uma análise mais criteriosa, considerando os objetivos da pesquisa, restaram 16 títulos, dos quais três da Revista da ABEM, dois de anais dos congressos da ABEM, dois da revista *Music Perception*, um da Revista Centro de Educação, um da revista *Música Hodie*, um da Revista *Opus*, um da *International Journal of Music Education (IJME)*, que é da *International Society for Music Education (ISME)*, um da revista *Infant Behavior Development*, um da revista *Frontiers in Psychology*, um da Revista *Infancy* e um da revista *Social Development*. Resultaram, assim, nove artigos em português e sete em inglês, os quais estão apresentados no quadro a seguir, em ordem cronológica:

Quadro 1 - Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura

Ano	Autor(es)	Título	Revista Publicação	Natureza	Área do Conhecimento
2001	O'Neill, Trainor e Trehub	<i>Infants' responsiveness to fathers' singing</i>	<i>Music Perception</i>	Artigo	Música
2002	Ilari	Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida	ABEM	Artigo	Música
2003	Stift e Beyer	A relação mãe-filho no projeto "música para bebês": um estudo sobre possíveis interferências no desenvolvimento musical dos bebês	Centro de Educação UFSM	Artigo	Educação
2003	Beyer	A interação musical em bebês: algumas concepções	Centro de Educação UFSM	Artigo	Educação
2004	Nakata e Trehub	<i>Infants' responsiveness to maternal speech and singing</i>	<i>Infant Behavior & Development</i>	Artigo	Psicologia
2004	Broock e Ilari	A relação afetiva entre as mães e os bebês através da música	Encontro Anual da ABEM	Comunicação de pesquisa em evento científico	Música
2005	Filipak e Ilari	Mães e bebês: vivência e linguagem musical	Música HODIE	Artigo	Música

2008	Young	<i>Lullaby light shows: everyday musical experience among under-two-year-olds</i>	<i>International Journal of Music Education</i>	Artigo	Música
2010	Raniero e Joly	Compartilhando um ambiente musical com bebês: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses	XIX Congresso da ABEM	Comunicação de pesquisa em evento científico	Música
2011	Carneiro e Parizzi	“Parentalidade Intuitiva” e “Musicalidade Comunicativa”: conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida.	ABEM	Artigo	Música
2012	Addressi	Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da “troca de fraldas”	ABEM	Artigo	Música
2013	Corbeil, Trehub e Peretz	<i>Speech vs. singing: infants choose happier sounds</i>	<i>Frontiers In Psychology</i>	Artigo	Psicologia
2014	Costa-giomi	<i>Mode of presentation affects infants' preferential attention to singing and speech</i>	<i>Music Perception</i>	Artigo	Música
2015	Corbeil, Trehub e Peretz	<i>Singing delays the onset of infant distress</i>	<i>Infancy</i>	Artigo	Psicologia
2015	Trehub, Plantinga e Russo	<i>Maternal vocal interactions with infants: reciprocal visual influences</i>	<i>Social Development</i>	Artigo	Psicologia
2019	Vilarinho e Ruas	Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos	Opus	Artigo	Música

Fonte: Autora (2021)

A seguir são apresentados os artigos, os quais foram categorizados de acordo com as temáticas abordadas em cada um deles. Dos 16 títulos, foram especificadas duas categorias, conforme as semelhanças entre as temáticas, que são: Acerca da prática musical entre pais e bebês; Acerca das concepções musicais sobre o Bebê.

Gráfico 1 - Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura



Fonte: Autora (2021)

2.1 ACERCA DA PRÁTICA MUSICAL ENTRE PAIS E BEBÊS

Em relação a categoria que se refere ao material encontrado que trata acerca da prática musical entre pais e bebês, temos os seguintes textos, apresentados no quadro 2.

Quadro 2 - Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura – Prática Musical entre pais e Bebês

Ano	Autor(es)	Título	Revista Publicação	Natureza	Área do Conhecimento
2001	O'Neill, Trainor e Trehub	<i>Infants' responsiveness to fathers' singing</i>	<i>Music Perception</i>	Artigo	Música
2003	Stift e Beyer	A relação mãe-filho no projeto "música para bebês": um estudo sobre possíveis interferências no desenvolvimento musical dos bebês	Centro de Educação UFSM	Artigo	Educação

2004	Nakata e Trehub	<i>Infants' responsiveness to maternal speech and singing</i>	<i>Infant Behavior & Development</i>	Artigo	Psicologia
2004	Broock e Ilari	A relação afetiva entre as mães e os bebês através da música	Encontro Anual da Abem	Comunicação de pesquisa em evento científico	Música
2005	Filipak e Ilari	Mães e bebês: vivência e linguagem musical	Música HODIE	Artigo	Música
2008	Young	<i>Lullaby light shows: everyday musical experience among under-two-year-olds</i>	<i>International Journal of Music Education</i>	Artigo	Música
2010	Raniero e Joly	Compartilhando um ambiente musical com bebês: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses	XIX Congresso da ABEM	Comunicação de pesquisa em evento científico	Música
2012	Addessi	Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da "troca de fraldas"	ABEM	Artigo	Música

Fonte: Autora (2021)

Nesta categoria, iniciando pela ordem cronológica de publicação, temos o texto de O'Neill, Trainor e Trehub (2001), intitulado "*Infants' responsiveness to fathers' singing*"², que apresenta sobre como foi conduzida a pesquisa que objetivava registrar e analisar possíveis influências entre o canto e a fala de pais durante interações com seus bebês.

Foram selecionados 15 pais para gravarem canções, uma vez em frente ao seu filho, outra sozinhos, como se estivessem "cantando no chuveiro". Após, o experimento foi avaliado por dois grupos. O primeiro grupo, composto por 30

² "A resposta do bebê ao canto paterno" (tradução da autora).

adultos, teve como objetivo caracterizar diferenças entre a gravação do canto dirigido ao bebê, tendo esta categoria a presença física do bebê, e o canto gravado sem a presença física do bebê. O segundo grupo foi com 60 bebês, com seis e sete meses, que foram submetidos a estas gravações, e um grupo de pesquisadores avaliaram suas reações (O'NEIL *et al.*, 2001).

As conclusões deste estudo relatam que os bebês preferem o canto direcionado emitido pelo pai, diretamente, ao invés do canto gravado pelo pai. O grupo de adultos notou que as gravações do canto dirigido tendem a ser mais emocionais, indicando maior presença de sorrisos durante a prática do canto. Também, há referências ao tom das canções, pois se acredita que exista um importante papel para a preferência sonora dos bebês, principalmente pelo fato de as notas mais agudas estarem associadas às expressões de alegria. Por último, os bebês exibiram mostrar mais atenção ao canto dos pais do que em uma pesquisa anterior referente ao canto das mães (O'NEIL *et al.*, 2001).

Em sequência temos o artigo de Stiff e Beyer (2003), intitulado “A Relação Mãe-filho no Projeto ‘Música Para Bebês’: Um Estudo Sobre Possíveis Interferências no Desenvolvimento Musical dos Bebês”, que analisou a relação mãe-filho, verificando a sua interferência no desenvolvimento musical dos bebês. Os participantes desta pesquisa foram 13 bebês e seus responsáveis, integrantes da atividade de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “Música para Bebês”, no ano de 1999.

Como conteúdo de análise foram gravadas aulas, registradas em fitas de vídeo, sendo duas, uma do início do semestre, e a outra, no final. Pode-se caracterizar os seguintes tipos de comportamentos, por parte das mães participantes do projeto: Mãe retraída ou distraída; Mãe hiper participante; Mãe perfeita; Mãe equilibrada. Ao final da análise concluiu-se que o modo na qual se tinha mais espaço para o desenvolvimento musical do bebê era o da mãe equilibrada. A pesquisa também relatou que se a mãe tem um comportamento voltado ao estimular, conversar e olhar para o bebê, o mesmo responde com maior interesse e tem um aproveitamento melhor da aula. Caso contrário, se a mãe tivesse

uma postura mais distante, menos participativa, o bebê tornar-se-ia mais agitado, distraído, e teria o aproveitamento prejudicado (STIFFT; BEYER, 2003).

No ano de 2004 temos o artigo de Takayuki Nakata e Sandra E. Trehub intitulado "*Infants' responsiveness to maternal speech and singing*"³, que apresentam uma pesquisa com bebês de seis meses de idade que foram apresentados a episódios audiovisuais estendidos da fala ou canto dirigido de sua mãe. O principal objetivo deste trabalho foi comparar as consequências atencionais de prolongados episódios de fala e canto materno para com os participantes desta pesquisa. Os resultados revelaram que os bebês exibiram mais atenção sustentada às apresentações audiovisuais do canto materno do que à fala materna, refletido em maior fixação geral, maior fixação inicial e maior fixação acompanhada por mínimo movimento corporal.

Segundo os autores, a primeira vez que olharam para o monitor durante o episódio de canto materno foi de aproximadamente 26 segundos de duração, que era mais do que o dobro do tempo do primeiro olhar durante o episódio da fala materna. Os bebês estavam muito atentos a ambos os sinais maternos, mas estavam consideravelmente mais engajados cantando do que falando. Além disso, a redução do movimento, que pode sinalizar envolvimento intenso, acompanhou a fixação visual com mais frequência para o canto materno do que para a fala materna. A maneira e a repetitividade do canto materno podem promover níveis moderados de excitação, que mantêm a atenção do bebê, em contraste com a maior variabilidade da fala, que pode resultar em ciclos de maior excitação, aversão ao olhar e reengajamento. A pulsação regular da música também pode melhorar a coordenação emocional entre a mãe e o bebê (NAKATA; TREHUB, 2004).

Ainda no mesmo ano foi publicado o artigo de Angelita Vander Broock com Beatriz Ilari, intitulado "A Relação Afetiva entre as Mães e os Bebês através da Música". Neste artigo é compartilhado uma pesquisa que investigou o repertório musical utilizado por mães com seus bebês, através de um formulário para, posteriormente, auxiliar na formulação de aulas de musicalização. Para esta pesquisa foram selecionadas 30 mães de bebês com idades entre zero e 18 meses,

³ "A resposta dos bebês à fala e canto materno" (tradução da autora).

moradoras da cidade de Curitiba. Através das respostas de 12 mães, confirmou-se que todas as mães cantavam e faziam o uso da música com a finalidade de acalmar e estimular o sono dos bebês, e, algumas dessas mães também utilizavam a música para brincar. Preocupadas com o repertório utilizado, as mães da pesquisa utilizavam canções que julgavam ser infantis, e, também, canções que seus pais ou responsáveis cantavam quando eram crianças.

O seguinte artigo de Renata Filipak e Beatriz Ilari (2005), intitulado “Mães e bebês: vivência e linguagem musical”, estudou sobre a influência da música no relacionamento diário das mães e bebês. Com objetivo de pesquisar e discutir a atual prática musical e a interação de mães e bebês, a pesquisa foi desenvolvida a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com mães de bebês com idade de 18 meses a quatro anos de idade. Os resultados mostraram que as mães não cantavam para bebês “mais velhos” dormirem, porém utilizavam música em suas atividades diárias. Conforme as autoras, o canto dirigido às crianças é uma atividade predominantemente realizada pela figura feminina. Com as mães de bebês entre zero a 18 meses, foi unânime o ato do canto materno para os bebês dormirem; também, a maioria das mães utilizavam músicas ao brincarem com seus bebês. Porém, a análise dos dados revelou que há uma diferença no que diz respeito à profissão das mães e a suas explicações sobre a eficiência das cantigas de ninar para o adormecimento dos bebês. As mães que trabalham como “do lar” e na área pedagógica pensam que as canções de ninar somente acalmam o bebê e, por isso, são eficientes para que eles durmam; já as mães que afirmaram atuar na área de exatas, saúde e estudantes, tiveram pensamentos variados sobre o assunto.

No ano de 2008 a pesquisadora Susan Young publicou o artigo “*Lullaby light shows: everyday musical experience among under-two-year-olds*”⁴. Este artigo relata informações obtidas a partir de um conjunto de entrevistas realizadas com 88 mães de crianças menores de dois anos, sendo que 70% das crianças estavam na idade de nove meses a 24 meses. As entrevistas indagaram sobre o cotidiano musical e as experiências de seus bebês em casa, e, buscaram não apenas coletar

⁴ “Canções de ninar apresentam: Experiência musical do dia-a-dia entre menores de dois anos” (tradução da autora).

informações sobre equipamentos, mídias de uso e atividade musical, mas também descobrir algo dos contextos sociais dentro dos quais a música está sendo usada e incorporada.

As informações obtidas sugerem que avanços tecnológicos que possibilitaram a digitalização da música estão resultando em mudanças na natureza da música e nas práticas musicais em casa por crianças pequenas. Embora 51 das 88 mães tenham relatado algum tipo de música na hora de dormir (ou cochilos durante o dia) para seus filhos, apenas 17 (20%) das crianças são estimuladas com canto, ainda que um pequeno número de mães (11) das 88 descreveram cantar para os momentos em que o bebê precisava acalmar-se. Um número maior de mães, 18 de um total de 88, disseram que cantavam para se divertir e para fazerem seus filhos felizes. Um dos aspectos mais significativos deste estudo é a gama de práticas musicais possibilitadas pelos avanços da tecnologia, em particular a facilidade de digitalização de música (YOUNG, 2008).

O seguinte trabalho, escrito por Juliane Raniero e Ilza Zentres Leme Joly (2010), intitulado “Compartilhando um ambiente musical com bebês: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses”, teve como objetivo olhar para as relações afetivas estimuladas em aulas de música em um grupo de crianças de oito meses a dois anos de idade juntamente com os adultos que os acompanhavam. Como suporte para a análise dos eventos durante as aulas de música foram tiradas fotografias que contextualizam as ações. Tinha-se como alvo de observação as relações bebê e bebê, bebê e pais, e, bebê e professora. Notou-se que diversos aspectos são determinantes para com as relações afetivas, tais como a interação, o toque físico, o direcionamento do olhar, entre outros comportamentos relacionados à presença nas aulas. Pode-se concluir que ao decorrer das aulas teve-se um incentivo a atitudes de compartilhamento e troca afetiva a todas as relações acima citadas.

Encerrando a seção “Acerca da prática musical entre pais e bebês” temos o artigo “Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da “troca de fraldas” de Anna Rita Addessi (2012), que tem como foco o resultado de um estudo realizado no ambiente familiar, com um bebê de nove meses e seus pais, durante a rotina da

troca de fraldas. As observações ocorreram durante duas semanas consecutivas, sendo medidas a frequência e duração dos três tipos de atividades vocais (voz, canto e vocalização), a presença da alternância de turnos e a presença de imitação/variação. Os resultados das análises demonstraram que o aumento da atividade vocal da criança poderia ter sido causado pelo aumento da alternância de turnos no diálogo, uma maior imitação do adulto nas vocalizações da criança, uma quantidade menor de atividades vocais do adulto e pela riqueza da qualidade vocal e intencionalidade do adulto. Também mostraram que as rotinas podem atuar como estruturas cognitivas e afetivas para ampliar a experiência musical das crianças pequenas.

2.2 ACERCA DAS CONCEPÇÕES MUSICAIS SOBRE O BEBÊ.

Em relação a categoria que se refere ao material encontrado que trata acerca das concepções musicais sobre o bebê, temos os seguintes textos, apresentados no quadro 3.

Quadro 3 - Pesquisas selecionadas para a Revisão de Literatura - Concepções Musicais sobre o Bebê

Ano	Autor(es)	Título	Revista Publicação	Natureza	Área do Conhecimento
2002	Ilari	Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida	ABEM	Artigo	Música
2003	Beyer	A interação musical em bebês: algumas concepções	Centro de Educação UFSM	Artigo	Educação
2011	Carneiro e Parizzi	“Parentalidade Intuitiva” e “Musicalidade Comunicativa”: conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida.	ABEM	Artigo	Música

2013	Corbeil, Trehub e Peretz	<i>Speech vs. Singing: infants choose happier sounds</i>	<i>Frontiers In Psychology</i>	Artigo	Psicologia
2014	Costa-giomi	<i>Mode of presentation affects infants' preferential attention to singing and speech</i>	<i>Music Perception</i>	Artigo	Música
2015	Corbeil, Trehub e Peretz	<i>Singing delays the onset of infant distress</i>	<i>Infancy</i>	Artigo	Psicologia
2015	Trehub, Plantinga e Russo	<i>Maternal vocal interactions with infants: reciprocal visual influences</i>	<i>Social Development</i>	Artigo	Psicologia
2019	Vilarinho e Ruas	Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos	Opus	Artigo	Música

Fonte: Autora (2021).

Iniciamos esta categoria com o texto de Beatriz Senoi Ilari (2002), “Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida”. Este artigo faz uma revisão de literatura experimental sobre a percepção e a cognição musical durante o primeiro ano de vida. O texto está dividido entre: ambiente sonoro pré-natal e aprendizado musical; experiências sobre percepção e cognição musical dos bebês; uso cotidiano da música com bebês.

A partir do mesmo constata-se que o útero materno contém sons constantes de frequências baixas, constituindo um exemplo de fundo acústico, porém sons externos emergem e podem ser reconhecidos. A autora apresenta pesquisas que apontam que a partir dos três dias de vida o bebê já reconhece e prefere a voz materna, reconhece histórias, rimas, parlendas e canções que foram ouvidas durante os últimos três meses de gestação (ILARI, 2002).

Relacionado à percepção e cognição musical do bebê, a autora destaca que os mesmos, a partir do terceiro trimestre de gravidez até terceiro mês de vida após o nascimento, preferem e escutam com maior facilidade notas e sons graves. No

decorrer do trabalho são destacados mais resultados de pesquisas, como por exemplo que em diferentes etapas do desenvolvimento os bebês preferem músicas cantadas no registro vocal mais agudo do que no grave, os bebês entendem as informações sobre o elemento sonoro altura baseado no contorno melódico, cria-se o conceito do bebê não ser um ouvinte passivo, detectando até mesmo pequenas desafinações em diferentes tipos de escalas (ILARI, 2002).

Sobre o contorno melódico musical, a autora enfatiza que são importantes pois carregam mensagens afetivas que por vezes encontram-se em canções de ninar ou ao falar direcionado da mãe com o bebê. Referente a células rítmicas contrastantes e fórmulas de compasso distintas, os bebês antes mesmo de completar um ano de idade conseguem distinguir, esta habilidade pode melhorar conforme o desenvolvimento. A autora aponta que os mesmos conseguem memorizar uma música familiar por até duas semanas (ILARI, 2002).

Outros resultados são apresentados referentes às características relacionadas ao canto destinado aos bebês, tais como o uso do registro vocal mais agudo, expressividade mais acentuada e andamentos mais lentos. A intenção e momento da prática influenciam a escolha das canções bem como características sonoras na hora do canto.

Em 2003 Esther Beyer, através do artigo “A interação musical em bebês: algumas concepções”, discorreu sobre o funcionamento do projeto de extensão “Música para Bebês”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e descreveu algumas cenas ocorridas, a fim de constatar estilos da relação mãe-bebê, devido ao fato de que durante as aulas a mãe foi o responsável que mais acompanhou.

No transcorrer das aulas fez-se uma análise e destacaram-se quatro concepções de situações, sendo: “Eu sei e o bebê não sabe” a mãe durante as aulas supõe saber todo o comportamento e ações que o bebê deve ter, neste sentido as escolhas serão sempre feitas pela família e não pelo bebê. “O bebê sabe o que faz” nesta categoria a mãe deixa seu bebê completamente livre, afirmando que cada um tem seu tempo de maturação e que, inclusive, se o bebê ultrapassar alguns limites, considera ser apenas uma fase. A última concepção “Meu bebê pode aprender” é a que contém maior interação, mantendo-se abertura para a exploração

do bebê. De acordo com a autora, para um melhor aproveitamento das aulas e desenvolvimento musical, o modelo “Meu bebê pode aprender” seria ideal de ser abordado, devido a sua liberdade de aprendizado e suporte familiar durante a prática (BEYER, 2003).

Anos mais tarde, Aline Carneiro e Betânia Parizzi (2011), com o artigo “Parentalidade Intuitiva e Musicalidade Comunicativa: Conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida”, buscaram identificar condutas pedagógicas fundamentadas nos conceitos de “parentalidade intuitiva”, trazida por Papousek e Shifres, e “musicalidade comunicativa” por Malloch (CARNEIRO; PARIZZI, 2011).

As autoras conceituam a parentalidade intuitiva como uma habilidade inata nos adultos para proteger, alimentar, estimular e ensinar características de acordo com uma determinada cultura aos seus bebês. Já a “Musicalidade comunicativa”, como uma habilidade inata e universal que se inicia ao nascimento, vital para a comunicação entre as pessoas, que se caracteriza pela capacidade de combinar o ritmo com o gesto, seja ele motor ou sonoro (CARNEIRO; PARIZZI, 2011).

As autoras afirmam que os conceitos até então apresentados neste trabalho podem ser considerados fundantes para a educação musical no primeiro ano de vida “a parentalidade intuitiva, como reguladora das condutas pedagógicas do educador musical, e a musicalidade comunicativa, como o ponto de partida do processo de desenvolvimento musical do bebê” (CARNEIRO; PARIZZI, 2011, p. 95).

O artigo seguinte escrito por Marieve Corbeil, Sandra E. Trehub e Isabelle Peretz (2013), intitulado “*Speech vs. Singing: infants choose happier sounds*”⁵, tratou da atenção dos bebês às amostras faladas e cantadas de áudio, gravadas por uma cantora desconhecida pelos sujeitos da pesquisa.

No experimento 1, bebês de quatro a 13 meses de idade foram expostos a sons alegres, fala dirigida para bebês e canções de ninar cantaroladas pela mesma mulher. Eles ouviram significativamente mais tempo a fala, que teve uma variabilidade acústica e expressividade maiores do que as canções de ninar. No

⁵ “Fala x canto: bebês escolhem sons mais alegres” (tradução da autora).

experimento 2, os bebês ouviram a letra de uma canção infantil turca falada, em contrapartida à cantada, de uma maneira alegre, os mesmos não demonstraram diferenciação de tempo durante a escuta. Os bebês, no experimento 3, ouviram as letras cantadas alegremente de uma canção infantil turca, em contrapartida a uma versão falada de forma dirigida por adultos ou afetivamente de maneira neutra. Eles ouviram por muito mais tempo a versão cantada. No geral, a voz feliz, ao invés do modo vocal (fala ou canto), foi o principal contribuinte para a atenção do bebê, independentemente da idade. Sendo assim, perante essa pesquisa, os bebês preferem a fala do que sons não vocais e a vocalizações não humanas, assim como preferem um discurso que soe alegre ao um neutro (CORBEIL *et al.*, 2013).

De Eugenia Costa-giomi, o artigo *“Mode of presentation affects infants preferential attention to singing and speech”*⁶, teve como objetivo investigar as preferências de atenção dos bebês ao canto e fala que foram apresentados em audiovisual, e, somente áudio para bebês de 11 meses de idade. O estudo relatou três experimentos que apresentaram, primeiramente, bebês a canções com vídeo e som; depois, apenas vídeo, e, por último, apenas som. Os resultados combinados dos três experimentos indicam que o modo de apresentação afeta os bebês principalmente sobre a atenção ao canto e à fala. Quando foram expostos a estímulos audiovisuais de uma mulher cantando ou recitando uma música, os bebês de 11 meses assistiram significativamente mais o estímulo do canto. No entanto, ao simplesmente ouvirem os mesmos estímulos, os bebês não demonstraram atenção preferencial para o canto ou a fala. De acordo com resultados do experimento 2, as respostas dos estímulos audiovisuais não poderiam ser atribuídas exclusivamente à informação visual exibida nos vídeos. Os bebês não demonstraram atenção preferencial ao estímulo, apenas cantando ou falando, quando assistiram aos vídeos no modo silencioso. Essas descobertas mostraram que foi a combinação de pistas auditivas e visuais, em vez de apenas informações auditivas ou apenas visuais, que desencadeou mais atenção ao canto do que à fala em condição audiovisual.

⁶ “O modo de apresentação afeta a atenção preferencial dos bebês ao canto e à fala” (tradução da autora).

O seguinte artigo, de Marieve Corbeil, Sandra E. Trehub e Isabelle Peretz, intitulado “*Singing delays the onset of infant distress*”⁷, comparou a eficácia da fala e canto *Infant-Directed*⁸, para atrasar o sofrimento infantil. No experimento 1 foram utilizados retratos com *script* da fala e canto turcos, o que garantiu conteúdo comparável em modos vocais e desconhecimento dos materiais cantados e falados. No experimento 2 a fala natural foi utilizada no *Infant Directed* e do canto na linguagem ambiente para os bebês. O sucesso do canto *Infant-Directed* em inibir ou retardar o sofrimento infantil mostra que também teve sucesso em manter a atenção dos bebês. Quando os bebês são expostos a uma gravação audiovisual contínua da fala ou canto materno por três minutos, o canto foi consideravelmente mais eficaz do que a fala na captura de sua atenção, sendo indicado por fixações iniciais mais longas, assim como em manter sua atenção, conforme indicado pela fixação de três minutos.

Sandra E. Trehub, Judy Plantinga e Frank A. Russo (2015) escreveram o artigo intitulado “Maternal vocal interactions with infants: reciprocal visual influences”⁹, em que discutem sobre como a influência visual afeta a comunicação vocal e expressões faciais das mães enquanto conversam ou cantam para seus bebês, bem como saber acerca da influência materna sob a atenção do bebê.

Separado em três experimentos, a pesquisa aponta que o canto e a fala das mães foram considerados mais emocionais durante as interações em frente ao bebê comparativamente ao das outras, em que não houve o contato visual do bebê. Sorrir para bebês não apenas refletia os sentimentos das mães, mas também ajudava a transmitir esses sentimentos, tanto vocal quanto visualmente. O estudo revelou que os bebês preferem falas e cantos alegres, exaltantes, ao invés destes feitos de forma neutra ou com versões mais calmas. Dentre essas já citadas, o estudo aponta diversas questões com relação à preferência e à atenção do bebê de cinco a sete meses de idade, com áudios, vídeos, presença física, expressões e sonorizações (TREHUB et al., 2015).

⁷ “Cantar atrasa o início da angústia infantil” (tradução da autora).

⁸ Infant Directed - Fala ou canto direcionada ao bebê com ele presente fisicamente, conceito por Trainor (1996).

⁹ “Interações vocais maternas com bebês: influências visuais recíprocas” (tradução da autora).

O último artigo desta revisão é de Fabiana de Freitas Angulo Vilarinho e José Jarbas Ruas (2019), intitulado “Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos”. Teve como objetivo investigar os efeitos provocados pela música em bebês de zero a dois anos, assim como quais as possibilidades para o seu desenvolvimento físico, social e afetivo, através de um estudo bibliográfico, que utilizou autores como Delalande, Gordon, Beyer e Ilari, dentre outros.

Durante o trabalho, os autores conceberam termos como bebê, música e musicalização, baseando-se no estágio sensório-motor, de Jean Piaget. Trataram, também, da Teoria do Desenvolvimento Musical e da estimulação musical. O trabalho evidenciou questões teóricas e metodológicas referentes à importância e aos efeitos da música durante o desenvolvimento infantil.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa, que teve como objetivo investigar a prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade, utilizou a abordagem qualitativa, a pesquisa documental como método, e a coleta de documentos como técnica para a coleta dos dados. Para a análise dos dados, além do referencial teórico, utilizou a análise de conteúdo como técnica.

Para responder aos questionamentos desta investigação é importante conhecer o projeto que deu origem aos dados que, posteriormente, foram coletados, denominado “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”.

3.1 PROJETO DE EXTENSÃO “VIVÊNCIAS MUSICAIS PARA BEBÊS E FAMÍLIAS”

O projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias” é parte integrante do programa de extensão “Educação Musical: Música, Educação e Entrelaçamentos”, estando registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Cristina Rolim Wolffenbüttel e organizado por estudantes do curso de Graduação em Música: Licenciatura, Especialização em Educação Musical e Mestrado Profissional em Educação, todos vinculados à UERGS.

Este projeto teve como objetivo proporcionar momentos de vivências musicais para bebês de zero a dois anos de idade com seus pais ou responsáveis, de maneira remota, totalmente virtual, devido à pandemia do COVID-19. Este trabalho teve como fonte de dados, formulários respondidos por participantes da segunda edição do projeto, que ocorreu no primeiro semestre de 2021.

Nesta segunda edição do projeto foram realizadas quatro transmissões ao vivo pela plataforma do *YouTube*, no canal “Educação Musical Diferentes Tempos e Espaços”¹⁰, pertencente aos grupos de pesquisa e extensão Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços (Grupem) e Arte: Criação, Interdisciplinaridade e

¹⁰ Disponível no link <https://www.youtube.com/channel/UCmt8zkM4uJrJibucp8JMrfq>.

Educação (ArtCIEd), ambos registrados na Plataforma dos Grupos de Pesquisa do CNPq¹¹, com a chancela da UERGS.

As transmissões ocorreram nos dias 16 de abril, 14 de maio, 11 de junho e 16 de julho de 2021, e ainda se encontram disponíveis no canal do *YouTube*, anteriormente citado¹². Tiveram a duração média de 30 minutos cada, e foram realizadas por três estudantes da Graduação em Música: Licenciatura, da UERGS, e uma acadêmica do Mestrado Profissional em Educação (PPGED-MP/UERGS).

No intuito de auxiliar a comunicação e a troca de informações, foi criado um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* com os pais ou responsáveis que participaram das transmissões ao vivo. Neste grupo foi possível trocar experiências e relatos sobre as vivências aplicadas em família. A partir do mesmo foi disponibilizado um formulário que continha questões voltadas à prática do canto entre pais e bebês.

Para saber mais sobre as transmissões, bem como as vivências musicais ocorridas na primeira edição deste projeto, que aconteceu no segundo semestre de 2020, é possível acessar as matérias no *site*¹³, as quais detalham a organização e a repercussão deste projeto.

3.2 PESQUISA QUALITATIVA

O presente trabalho trata de questões relacionadas à prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade, utilizando-se dos dados obtidos pelas mães participantes do projeto de extensão. Com base na abordagem qualitativa, esta pesquisa baseia-se em Denzin e Lincoln (2006), juntamente com Bogdan e Biklen (1994).

Para Denzin e Lincoln (2006), ao buscarem um conceito genérico para pesquisa qualitativa, explicam:

¹¹ Grupem - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/505481>

ArtCIEd - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/18569>

¹² Links das transmissões - <https://www.youtube.com/watch?v=boCgpAsnzt0&list=PLcmOM7D4AuxD3cpFdEhBMtGCN6xdiJefH&index=7>

¹³ Site - <https://www.educacaomusicaluergs.com/bebe-e-a-musica>

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17)

Sobre a ação dos pesquisadores qualitativos, Denzin e Lincoln (2006) também apontam:

Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Ao aprofundar o assunto, Bogdan e Biklen (1994) apresentam a pesquisa qualitativa como assumindo inúmeras formas e conduzida a diferentes contextos. Para os autores, a investigação qualitativa possui cinco características; entretanto, nem todos os estudos que consideramos qualitativos possuem estas características com igual eloquência (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Como primeira característica da investigação qualitativa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador como instrumento principal. Bogdan e Biklen (1994, p. 47) explicam que os “investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas”.

A segunda característica é a investigação qualitativa como descritiva; por isso seus dados recolhidos se apresentam

[...] em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48)

Como terceira e quarta características, os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos, e tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.

Por fim, vale ressaltar que “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50).

A pesquisa qualitativa visa entender o material coletado, por seus diferentes espectros, objetivando analisar as propriedades qualitativas impressas nos mesmos. Neste sentido, entende-se que os dados coletados pertencentes ao projeto de extensão, os quais foram utilizados para o presente trabalho, caracterizam-se como dados descritivos, voltados ao entendimento humano em seu cenário natural, buscando analisar e interpretar as práticas musicais concebidas em casa entre mães e bebês.

3.3 PESQUISA DOCUMENTAL

Pesquisa documental foi o método utilizado nesta pesquisa, sob a perspectiva de Marconi e Lakatos (2003). As autoras consideram a pesquisa documental como uma coleta de dados em fontes primárias. Partindo deste pressuposto, Marconi e Lakatos (2003) apontam:

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. (MARKONI; LAKATOS, p. 174)

Estes documentos podem ser escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos ou particulares, provenientes de instituições, domicílios e fontes estatísticas.

Para tanto, as respostas dos formulários enviados via *Google Forms* constituíram-se como fonte documental de escrita primária para esta pesquisa.

Estes dados foram extraídos do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, em sua segunda edição, conforme explicitado anteriormente.

3.4 TÉCNICA PARA COLETA DOS DADOS

A técnica para a coleta de dados ocorreu através da coleta de documentos referentes ao projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”. Vale ressaltar que os formulários, nesta pesquisa, foram os documentos coletados.

Estes formulários continham questões voltadas à prática do canto em âmbito familiar. As respostas foram fornecidas pelas mães dos bebês que participaram do projeto voluntariamente (ver formulário, na íntegra, em Anexo A).

As questões dos formulários foram divididas em quatro seções, sendo a primeira sobre os dados de identificação, traçando um perfil do responsável que o respondeu, contendo informações como idade do responsável, do bebê e demais filhos caso tivesse. Sobre a profissão exercida, cidade em que reside, informações para contato e por último se costumavam cantar para seu bebê.

A segunda sessão foi referente à prática do canto com o bebê. Questionou-se sobre em quais momentos ocorriam essa prática, quais as canções utilizadas, quais os motivos para essa prática acontecer, e, por último, se o responsável recordava de quando pequeno se seus pais tinham esta prática do canto também.

A terceira sessão foi destinada, apenas, aos que responderam afirmativamente na última pergunta da sessão anterior, sobre a prática do canto quando pequenos. Nesta terceira sessão continha apenas uma pergunta dissertativa, referente à vivência do responsável com seus pais, se recordavam o que seus pais cantavam para eles quando menores. Por último, foi inserida uma pergunta dissertativa sobre a opinião pessoal do responsável com relação à prática do canto com bebês.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A partir desses documentos foi realizada a análise dos dados, partindo dos pressupostos da análise de conteúdo, segundo Bardin (2016). Conforme a autora,

a “análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2016, p. 37), bem como uma “análise dos significados, embora possa ser também análise dos significantes” (BARDIN, 2016, p. 41), que objetiva avaliar, compreender, medir implicações e/ou examinar detalhadamente os dados apresentados, sem desconsiderar as observações que o pesquisador, ao longo de sua investigação, obterá.

Para a análise do conteúdo, Bardin apresenta três pólos cronológicos de análise, que são: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

A pré-análise caracteriza-se como a fase de organização; é o momento em que os dados são inicialmente visualizados, a fim de possibilitar uma primeira estruturação, tendo em vista a posterior análise. Com base neste procedimento, é possível formular hipóteses e objetivos, bem como uma breve elaboração de indicadores para as conclusões finais. Neste sentido, Bardin (2016, p. 125) explica que essa “primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”. Esta fase inicia-se, conforme Bardin (2016, p. 126), com a “leitura flutuante”, que consiste em entrar em contato com os documentos, permitindo-se criar reflexões pessoais do pesquisador. Após esta análise inicial, faz-se necessário escolher os documentos a serem trabalhados, de acordo com os objetivos da pesquisa em questão.

O pólo dois, intitulado exploração do material, consiste na aplicação sistemática das ações ocorridas no pólo anterior. Para a autora, esta etapa, que é “longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2016, p. 131).

Por fim, tem-se o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação. Para Bardin (2016):

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor interferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (BARDIN, 2016, p. 131)

Nesta última fase coloca-se significado aos dados brutos coletados e analisados anteriormente, através de quadros de resultados, diagramas, entre outras figuras que destacam as informações da análise.

Após as explicações acerca da metodologia utilizada neste trabalho, passo a apresentar o referencial teórico que foi o norteador da análise dos dados obtidos nesta pesquisa.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo do trabalho serão apresentados conceitos e definições sobre o tema tratado, com vistas a fundamentar teoricamente o presente estudo. Está estruturado em três abordagens, que são o Desenvolvimento Musical do Bebê nos Primeiros Anos de Vida – tratando o bebê como um ouvinte sofisticado, o Canto Dirigido e a Educação Musical Informal, esta última tratando dos pais como os primeiros educadores musicais.

4.1 DESENVOLVIMENTO MUSICAL DO BEBÊ NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

As concepções a partir das capacidades sociocognitivas do bebê, bem como seu desenvolvimento integral, têm sofrido mudanças durante os últimos anos. Segundo Bortoletto-Dunker e Lordel (1993), até a década de 1950, na área da saúde, acreditava-se que:

Os bebês não podiam ver, ouvir e se comunicar, sendo o mundo exterior confundido com o seu próprio corpo; seus movimentos eram vistos como aleatórios ou como produtos de seus reflexos desorganizados. O recém-nascido e o bebê eram vistos como organismos basicamente deficientes, incompletos. (BORLETTO-DUNKER; LORDEL, 1993, p. 10)

Com o passar dos anos, a partir de pesquisas e de avanços tecnológicos, essas concepções foram modificando. Hoje pode-se afirmar que o bebê não nasce uma tábula rasa, desprovido de saberes, e resultado, apenas, da ação do outro sobre ele (PARLATO-OLIVEIRA, 2019). Acredita-se que o bebê percebe o mundo ao seu redor de uma forma multimodal. A este respeito Parlato-Oliveira (2019) explica:

Este bebê tece suas impressões sobre o mundo a partir de um elaborado e completo sistema de percepção que permite a ele interpretar as informações para compor um saber. Este saber está sustentado numa capacidade dinâmica multimodal de interpretação, toda experiência vivida por ele está atravessada por uma variada gama de percepções que permitem a ele compor um saber que considere o fenômeno ou objeto oferecido, ou existente, com o que está no seu espaço no momento em que ele o encontra. O tempo e o espaço participam de forma decisiva para

a construção do saber do bebê na sua relação com tudo aquilo que ele percebe. (PARLATO-OLIVEIRA, 2019, p. 29-31)

Os saberes do bebê são constituídos conforme suas vivências intra e extra uterinas. Desse modo, Ilari (2002) afirma que os bebês são ouvintes sofisticados, desde a mais tenra idade. Sendo que o útero materno não é nada silencioso, devido a sons cardiovasculares, intestinais e placentários, bem como estímulos sonoros externos ao ventre materno, pesquisas apontam que a partir do 22º dia de gestação o ouvido humano se desenvolve; todavia, somente na 25ª semana de gestação o ouvido passa a ter função. É por volta da 32ª semana de gestação que o sistema auditivo está completo e o bebê escuta relativamente bem ainda no ventre materno (ILARI, 2002).

4.1.1 O bebê como um ouvinte sofisticado

Conceitos apresentados por Ilari (2002) indicam preferências de características sonoras dos bebês em diferentes tempos de seu desenvolvimento. Com apenas três dias de vida o bebê já reconhece e prefere a voz materna, também identifica canções, rimas, parlendas e histórias contadas no último trimestre de gestação. Até o seu terceiro mês de vida, os bebês preferem sons mais graves; entretanto, com seis meses de vida os bebês mudam o seu interesse para os registros mais agudos dos sons.

Algumas habilidades sonoro-musicais inatas do bebê têm sido relatadas em pesquisas que tratam de sua concepção musical. A forma como os bebês processam as alturas musicais acontece de maneira similar a dos adultos, baseando-se no gráfico crescente e decrescente das notas, no “sobe e desce” do som. Os mesmos também conseguem distinguir células rítmicas contrastantes e fórmulas de compasso distintas antes mesmo de completar um ano de vida. (ILARI, 2002).

Em uma pesquisa sobre a percepção sonora do bebê foi realizado um estudo sobre a possibilidade de bebês detectarem pequenas desafinações em melodias de escalas maiores e menores ou na escala javanesa (LYNCH *et al.* 1990, *apud* ILARI,

2002). A partir deste estudo concluiu-se que “os bebês foram capazes de detectar pequenas desafinações em todas as escalas, enquanto os adultos tiveram maiores facilidades de detectar as desafinações apenas nas escalas maiores e menores” (ILARI, 2002, p. 85).

Relacionado à percepção harmônica, sabe-se que os bebês, antes mesmo de completarem um ano de vida, já diferem acordes consonantes e dissonantes, mantendo sua preferência por acordes consonantes (TRAINOR; HEINMILLER, 1998, TRAINOR; TREHUB, 1993a, ZENTNER; KAGAN, 1998, *apud* ILARI 2002).

O desenvolvimento musical, nesta idade, pode ser introduzido a partir de intenções musicais vivenciadas em seu cotidiano. Segundo Ilari (2009):

Podemos pensar no desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical dos bebês, crianças e adolescentes, de maneira mais ou menos espontânea, isto é, pela exposição cotidiana aos sons e à música da cultura da qual fazem parte. Por outro, podemos pensar em desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical em virtude da educação musical formal que as crianças recebem por meio de aulas de música em escolas e conservatórios. Também podemos pensar em desenvolvimento musical tendo por base o aprimoramento de habilidades em atividades específicas da área de música como cantar, tocar, ou compor uma canção dentro da estética de um gênero ou cultura em particular. (ILARI, 2009, p. 25-26)

O fazer musical cotidiano mencionado anteriormente por Ilari (2009), pode ser introduzido e desenvolvido a partir da prática do canto dirigido entre pais e bebês. Segundo Carneiro e Parizzi (2011):

O bebê armazenará não apenas memórias sonoro-musicais, como também a mímica facial e os gestos realizados pelo professor. Um pouco mais adiante, assim que houver maturação cerebral e fisiológica suficientes, o bebê reproduzirá as sonoridades e os gestos já armazenados em sua memória, tornando mais expressiva a sua capacidade comunicativa. (CARNEIRO; ILARI, 2011, p. 94)

Conforme Carneiro e Parizzi (2011), mesmo que as vivências sejam dirigidas por suas mães aos bebês, estas influenciar-lhes-ão, sendo que eles reagirão a tais estímulos e os mesmos auxiliarão no desenvolvimento integral tanto quanto em seu desenvolvimento musical.

4.2 CANTO DIRIGIDO

Mães, em todos os lugares do mundo, cantam para seus bebês; mas, o que cantam, quando cantam e como cantam, varia de cultura para cultura. Podemos caracterizar o canto materno como algo da natureza materna, e a mesma por ser natureza é influenciada por valores culturais e circunstâncias (TREHUB; GUDMUNSDOTTIR, 2015). A utilização do canto por parte de mães com seus bebês é relatado desde a Grécia antiga, quando Platão, em sua obra intitulada “Leis”, descreveu o processo pelo qual o pranto de um bebê é acalmado e transformado em sono, por meio de uma canção de ninar, que teve o acompanhamento do balançar materno (WEST, 2002 *apud* ILARI, 2002).

O repertório utilizado para acalmar e colocar o bebê para dormir é, comumente, chamado de canções de ninar ou acalantos, dentre outras possíveis nomenclaturas. Segundo Wolffenbüttel (2019, p. 201) os acalantos “são pequenos trechos musicais com uma letra singela, própria para embalar crianças, fazendo-as adormecerem. A melodia é muito simples, sendo uma das formas mais rudimentares de canto”.

O canto dirigido ao bebê, como é assim chamado o modo de cantar direcionado aos bebês, difere do canto dirigido a outros públicos. Suas principais características encontram-se na maior expressividade emocional, no registro mais agudo da voz e no andamento mais lento (ILARI, 2003 *apud* FILIPAK; ILARI, 2005).

Quanto à mãe, Broock e Ilari (2004) explicam que ela,

[...] imperceptivelmente, muda o registro de sua voz, ajustando-a em um tom mais agudo do que o usual. Isso traz um certo conforto para o bebê, de forma que ele sabe quando estão se dirigindo a ele. E assim como na fala, o canto dirigido aos bebês também tem as suas particularidades, como o uso do registro vocal agudo, andamentos lentos e expressividade acentuada. (BROOCK; ILARI, 2004, p. 126)

Durante uma pesquisa sobre a forma como era conduzida e exercida a prática do canto entre pais e mães de bebês de seis a nove meses de idade Trehub *et al.* (1997) constataram que as mães cantam com maior frequência do que os pais, e utilizam canções infantis simples. Em contrapartida, os pais escolhiam diversos

gêneros e estilos musicais, incluindo canções voltadas ao público adulto, canções inventadas e de comerciais de televisão para cantarem aos seus filhos. Nesta mesma pesquisa constatou-se que quando cantavam de forma dirigida ao seu bebê, pais e mães tendiam a fazer *performances* mais expressivas, de forma mais calma ou brincante, dependendo da intenção para com o bebê.

A prática do canto dirigido ao bebê é considerada importante durante o seu desenvolvimento, porque influencia na comunicação e na interação dos bebês com seus responsáveis. O ato de cantar de forma dirigida mantém a atenção, influi na comunicação, facilita a interação social, e ajuda na aquisição da linguagem (ILARI, 2002; BROOCK; ILARI, 2004).

Segundo Trehub e Gudmundsdottir (2015) às mães cantam de forma mais expressiva enquanto cuidam de seus bebês; em princípio, esse canto pode ser direcionado à regulação de emoções, tais como para promover tranquilidade, dormir, brincar, provocar excitações e reduzir o estresse; varia de acordo com a intencionalidade do momento. As autoras também afirmam que o canto das mães tem aspectos didáticos intuitivos, devido a sua ênfase no tom e na estrutura temporal das canções. O contexto face a face também oferece aos bebês *performances* com gestos visuais/vocais distintos.

4.3 EDUCAÇÃO MUSICAL INFORMAL

A educação musical para os bebês nesta faixa etária inicia com as práticas musicais cotidianas, introduzidas pelos pais. Por acontecer em um ambiente não formal, sem o auxílio de um profissional especialista em música e ser adquirida durante o processo de socialização em família, insere-se no tipo de educação informal. Gohn (2006) esclarece a respeito dos conceitos, a partir da educação formal, informal e não formal:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de

experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (GOHN, 2006, p. 28)

A partir da definição de educação informal, segundo Gohn (2006), entende-se que as vivências musicais propostas pelos pais aos seus bebês, mais especificamente a prática do canto dirigido, adequam-se à concepção de educação musical informal. Gohn (2006) ressalta, ainda, a importância da educação não formal e informal, pois estas estariam voltadas ao ser humano de uma forma integral. Entretanto, reforça que a educação não formal e informal não substituem a educação formal, mas complementam-na, objetivando socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes.

Partindo deste pressuposto, temos o educador e pesquisador musical Rudolf-Dieter Kraemer (2000), que trata a educação musical, denominando-a pedagogia da música. Segundo o autor, a pedagogia da música consiste em um imbricamento entre a educação musical e as demais áreas do conhecimento. Para Kraemer (2000):

A pedagogia da música ocupa-se com as relações entre as pessoas(s) e a(s) música(s) sob os aspectos de apropriação e transmissão. Ao seu campo de trabalho pertence toda a prática músico-educacional que é realizada em aulas escolares e não escolares, assim como toda cultura musical em processo de formação. (KRAEMER, 2000, p. 51)

Ao entender a pedagogia da música – educação musical – como se ocupando da relação das pessoas e a música, no caso desta pesquisa, a relação entre mãe e bebê durante a prática do canto dirigido, os aspectos de apropriação e transmissão, ocorrem na esfera do cotidiano, recaindo sobre as perspectivas, gostos e costumes dos responsáveis pelo bebê.

Kraemer (2000, p. 65) também descreve os lugares e quem se ocupa da pedagogia da música. O autor afirma que o conhecimento pedagógico-musical diz respeito a mais pessoas e lugares do que normalmente se supõe, “o conhecimento pedagógico-musical não se encontra exclusivamente dentro de institutos científicos”. Ele ainda afirma que pais, crianças e jovens possuem uma ideia do que seja a transmissão da música.

Sobre saberes inatos, temos os conceitos de “parentalidade intuitiva” (PAPOUSEK, 1996; SHIFRES, 2007 *apud* CARNEIRO; PARIZZI, 2011) e “musicalidade comunicativa” (MALLOCH, 1999, 2000; TREVARTHEN, 1999, 2000 *apud* CARNEIRO; PARIZZI, 2011). Segundo os autores, a “parentalidade intuitiva” seria a habilidade inata que os pais possuem para alimentar, proteger e ensinar características de uma dada cultura a seus filhos.

A maneira como pais, cuidadores e até mesmo crianças mais velhas alteram sua forma de falar, utilizando a voz num registro mais agudo, falando mais lentamente, criando pausas entre frases que são normalmente mais curtas e ritmadas, caracteriza-se como o “manhês” um exemplo típico desta predisposição inconsciente (PARIZZI; RODRIGUES, 2020, CARNEIRO; PARIZZI, 2011).

A musicalidade comunicativa é conceituada como “uma habilidade inata e universal que se ativa ao nascimento, vital para a comunicação entre as pessoas, que se caracteriza pela capacidade de se combinar o ritmo com o gesto, seja ele motor ou sonoro” (MALLOCH 1999, 2000, p. 29-52, *apud* CARNEIRO; PARIZZI, p. 91, 2011). Este comportamento se manifesta nas condutas comunicativas dos bebês, através de:

movimentos de cabeça, rosto e de membros dos bebês durante seus momentos de interação com os adultos e dá suporte à atuação regulada do tempo de acordo com um pulso, denominado pulso motor, que se torna evidente em grande parte dos comportamentos dos bebês (movimentos, orientações de atenção, respostas expressivas, etc.). (SHIFRES, 2007 *apud* CARNEIRO; PARIZZI, p. 91, 2011)

Segundo Carneiro e Parizzi (2011, p. 91) “a musicalidade comunicativa, deflagrada e incentivada pela parentalidade intuitiva, é, pois, a base da comunicação humana”.

4.3.1 Os pais como os primeiros educadores musicais

Para Broock e Ilari (2004), os pais são os principais educadores musicais de seus filhos. Portanto, “é papel fundamental da família estimular os sentidos da criança, para que esta tenha acesso a uma expressão sonora que seja sua

expressão própria, prelúdio da linguagem e abertura para a música” (LEVY, 1993 *apud* BROOCK; ILARI, p. 126, 2004).

Edwin Gordon, pesquisador do campo da psicologia da educação musical, em sua Teoria da Aprendizagem Musical, afirma que a oportunidade de aprendizagem musical deve ser oferecida desde o nascimento, pois, segundo ele, nosso potencial para aprender música nunca é tão elevado como no momento em que se nasce, e a partir daí diminui gradualmente (GORDON, 2015).

É importante salientar que, ao estimular as mães e pais para propiciar momentos de vivências musicais, não está sendo suprido o papel que o educador musical habilitado terá com o desenvolvimento musical do bebê. Entende-se que para esta faixa etária “o educador musical deve buscar uma conduta pedagógica análoga à forma como pais e cuidadores se relacionam intuitivamente com os bebês” (CARNEIRO; PARIZZI, 2011, p. 95), para que ambos em prol do desenvolvimento musical possam trabalhar em conjunto.

Com base no exposto, compreendemos o quanto a música é importante na vida dos bebês, portanto, apresentamos a seguir, os dados coletados na pesquisa.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A partir da leitura dos documentos coletados, seguindo a ordem de análise de conteúdo segundo Bardin (2016), foram assumidas as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Os documentos para esta análise foram as respostas do formulário pertencente ao projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, segunda edição (conforme anexo A). Responderam a este formulário um total de dez famílias, sendo que as respondentes foram todas as mães dos bebês.

Resultante das respostas presentes no formulário do projeto de extensão, foram elaboradas cinco categorias, as quais são apresentadas a seguir:

- Perfil das mães participantes;
- Prática do canto com o bebê;
- Vivências musicais familiares;
- Opinião pessoal sobre a prática do canto;
- Síntese dos resultados;

Individualmente, cada categoria é apresentada seguindo as respostas obtidas nos formulários e articulando com os conceitos teóricos já citados anteriormente, na qual esta pesquisa foi fundamentada.

5.1 PERFIL DAS MÃES PARTICIPANTES

Dez famílias responderam o formulário, sendo estes respondidos pelas mães dos bebês participantes do projeto de extensão. Para um melhor e mais detalhado entendimento dos dados, apresenta-se o quadro abaixo:

Quadro 4 – Perfil das mães participantes

Nome	Idade	Residência	Profissão	Idade e sexo do(a) bebê
Mãe A	41 anos	Rio de Janeiro - RJ	Pedagoga	nove meses - menina
Mãe B	52 anos	São Pedro da Serra - RS	Podóloga	dois anos - menina
Mãe C	31 anos	Porto Alegre – RS	Professora	dois anos - menina
Mãe D	25 anos	Bom Princípio – RS	Técnica em Enfermagem	um ano - menino

Mãe E	43 anos	Capão da Canoa – RS	Servidora Pública	um ano e seis meses - menino
Mãe F	29 anos	Carlos Barbosa – RS	Arquiteta e Urbanista	cinco meses - menino
Mãe G	31 anos	Barão – RS	Professora	um ano - menina
Mãe H	36 anos	Curitiba - PR	Professora	um ano e um mês - menina
Mãe I	31 anos	Bombinhas – SC	Psicóloga	um ano - menina
Mãe J	43 anos	Barão – RS	Comerciante	dois anos - menino

Fonte: Autora (2021)

Ao fazer uma análise do perfil das mães participantes, verificou-se que a idade das mesmas variou de 25 a 52 anos de idade, bem como uma variedade de profissões.

Dentre as profissões observou-se profissionais tanto da área de humanas quanto de exatas, contabilizando quatro professoras, dentre elas uma que especificou ser pedagoga. As demais participantes trabalhavam como psicóloga, podóloga, técnica em enfermagem, arquiteta e urbanista, servidora pública e comerciante.

Outro dado oriundo da coleta foi a abrangência territorial a qual este formulário teve. Responderam-no participantes de várias cidades do Rio Grande do Sul, além de outros estados, como Paraná, Rio Janeiro e Santa Catarina.

Apenas três mães relataram ter mais de um filho. A mãe A, além de ter uma bebê de nove meses, possui outra filha de vinte e um anos de idade. A mãe I, além de ter uma bebê de um ano de idade, também possui outra de quatro anos de idade. E, por último, a mãe J, além de ter um bebê de dois anos de idade, possui outra filha de dezenove anos de idade.

No total foram obtidas respostas de dez mães de bebês com as idades de cinco meses a dois anos, sendo quatro bebês do sexo masculino e seis bebês do sexo feminino.

5.2 PRÁTICA DO CANTO COM O BEBÊ

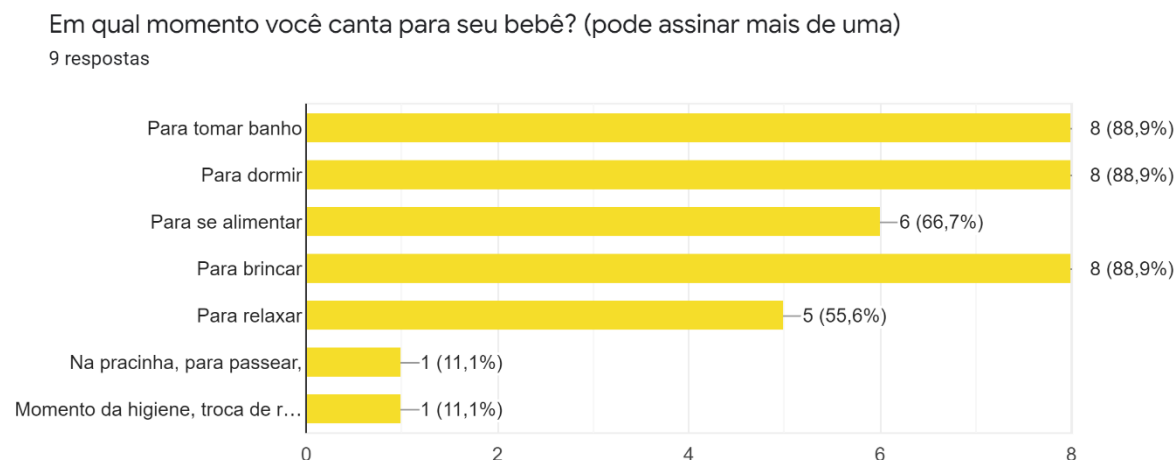
Ao serem questionadas sobre a prática do canto com seu bebê, nove mães afirmaram ter o costume de cantar para eles. Apenas a mãe F respondeu que não

costumava praticar o canto. Importante salientar que como apontado no referencial teórico, a prática do canto entre mães e bebês é algo natural (TREHUB; GUDMUNDSDOTTIR, 2015), bem como sua utilização em diversos momentos.

5.2.1 Momentos em que a prática do canto acontece

Para a obtenção dos dados relativos aos momentos em que as mães cantam para seus bebês, foram destinadas cinco questões de múltipla escolha no formulário. Neste caso foi oportunizada, também, a opção dissertativa, a fim de adicionar outros dados que não os que constavam nas opções do formulário. As opções a serem assinaladas no formulário foram: para tomar banho, para dormir, para se alimentar, para brincar e para relaxar. O gráfico a seguir, apresenta a síntese das respostas fornecidas pelas mães.

Gráfico 2 – Em qual momento acontece a prática do canto com o bebê



Fonte: Autora (2021)

Como afirmam Trehub e Gudmundsdottir (2015), o canto pode ser direcionado à regulação de emoções, tais como para promover tranquilidade, dormir, brincar, provocar excitações e reduzir o estresse, e varia de acordo com a

intencionalidade do momento. No gráfico acima, são constatados os momentos e as intencionalidades em que as mães participantes cantavam para seus bebês.

Lembrando que se tratou de uma pergunta de múltipla escolha, oito das nove mães assinalaram que cantavam para seu bebê em diversos momentos, como: ao dar banho, para brincar e no momento de dormir. Seis mães também assinalaram que utilizavam o canto na hora de alimentar seu bebê, e, cinco mães assinalaram que cantavam para o relaxamento do bebê.

Como opções dissertativas foram obtidas as seguintes respostas: “Momento da higiene, troca de roupas, qualquer hora é hora para cantar” (Mãe H); “Na pracinha, para passear” (Mãe B).

Os momentos de utilização do canto, propostos pelas mães dos bebês, caracterizam-se como uma “exposição cotidiana aos sons e à música da cultura da qual fazem parte” (ILARI, 2009, p. 25-26), auxiliando, assim, no desenvolvimento musical dos bebês.

5.2.2 Repertório utilizado durante a prática do canto

Relacionado ao repertório musical utilizado durante estes momentos, as mães, em sua maioria, responderam que utilizam canções destinadas ao público infantil, bem como também citaram algumas canções do folclore brasileiro.

Quadro 5 – Repertório utilizado durante a prática do canto

Nome	Idade e sexo do(a) Bebê	Canções utilizadas na prática do canto com seus bebês
Mãe A	nove meses - menina	Cantarolamos melodias aleatórias, músicas infantis e qualquer outra que vier na mente.
Mãe B	dois anos - menina	Boi de várias cores, atirei o pau no gato, galinha pintadinha, sapo cururu, ciranda cirandinha, canções folclóricas...
Mãe C	dois anos - menina	Músicas que envolvem os sons e os animais. Cadê, Meus dedinhos e todas as músicas das vivências que aprendemos. Não lembraria de todos os nomes das músicas. Mas, às vezes inventamos algumas canções também.
Mãe D	um ano - menino	Galinha pintadinha, baby shark, Mundo Bitá.
Mãe E	um ano e seis meses - menino	Promete, Ana Vilela.
Mãe F	cinco meses - menino	Não utiliza o canto.

Mãe G	um ano - menina	Nossa, são muitas. Mas geralmente são as músicas infantis.
Mãe H	um ano e um mês - menina	Repertório infantil e outras inventadas.
Mãe I	um ano - menina	Músicas populares infantis.
Mãe J	dois anos - menino	Menino da pecuária, agro é chic agro é top, dona barata, a lagartixa, pintinho amarelinho...

Fonte: Autora (2021)

Trehub *et al.* (1997) constataram que as mães cantam com maior frequência que os pais, utilizando canções infantis simples, o que segundo, as respostas obtidas neste estudo estão em sintonia. Trehub *et al.* (1997) afirmaram que, ao contrário das mães, os pais escolhiam diversos gêneros e estilos de canções, incluindo aquelas voltadas ao público adulto, canções inventadas e de comerciais de televisão para cantarem aos seus filhos.

Com base no quadro acima, com as respostas das mães, percebe-se que as mesmas também utilizam canções que não seriam destinadas ao público infantil, como é o caso das mães E e J. Coincidentemente ambas são mães de meninos; neste sentido Ilari (2002) aponta que há vários fatores que influenciam o canto dirigido aos bebês, tais como os estilos das canções, os contextos na qual essa prática está sendo utilizada e o sexo do bebê. Outra variante seria a utilização de canções inventadas, como se pode observar no quadro 5; as mães A, C e H relatam que, além de utilizarem canções prontas, também cantarolam melodias aleatórias, e, em determinados momentos, inventam alguma canção.

Trehub e Gudmundsdottir (2015) também afirmam que o canto das mães tem aspectos didáticos intuitivos, devido a sua ênfase no tom e na estrutura temporal das canções. Além de aspectos didáticos musicais, foram encontradas nas respostas dos formulários canções que visam à exploração de sons animais, cores e partes do corpo.

5.2.3 Quais os motivos que as mães utilizam o canto com seus bebês

Ao serem questionadas sobre qual a motivação para utilizarem o canto em suas práticas cotidianas com os seus bebês, os motivos mais mencionados foram para criar conexão afetiva, interação entre as partes e para um melhor

desenvolvimento do bebê. Ilari (2002, p. 87) discorre sobre a importância do canto dirigido, sendo “considerado importante no desenvolvimento infantil porque influencia na comunicação e interação dos bebês e seus responsáveis”.

Quadro 6 – Motivos que as mães utilizam o canto com seus bebês

Nome	Idade e sexo do(a) bebê	Motivos que as mães utilizam o canto com seus bebês
Mãe A	nove meses - menina	Ela gosta muito, a irmã canta e toca violão pra ela desde a barriga e acredito que cria uma conexão, relaxa e ajuda no desenvolvimento.
Mãe B	dois anos - menina	Para ela interagir conosco, para ela dormir, para ela cantar junto, ajudar no desenvolvimento da fala.
Mãe C	dois anos - menina	Momento de interação e fortalecimento de vínculo afetivo com a minha filha. Além de auxiliar no desenvolvimento motor e da linguagem.
Mãe D	um ano - menino	Relaxa ele, acalma para dormir. É um momento nosso de interação.
Mãe E	um ano e seis meses - menino	Criar conexão e acalmar.
Mãe F	cinco meses - menino	Não utiliza o canto.
Mãe G	um ano - menina	Com toda certeza a música desperta no bebê uma sensação de tranquilidade, paz, carinho, harmonia. A criança se sente segura e através da música aprende muitas coisas, palavras, atos, ações.
Mãe H	um ano e um mês - menina	Porque eu gosto, ela gosta, porque anima, porque é divertido.
Mãe I	um ano - menina	Para estreitar o vínculo e estimular a fala.
Mãe J	dois anos - menino	Para melhor interagir com a criança.

Fonte: Autora (2021)

Em sua resposta, a mãe A explicou que a prática do canto com sua bebê ocorre desde quando esta ainda estava em sua barriga; neste sentido, estudos de Ilari (2002) apontam que o bebê ainda no ventre materno é passível de estímulos sonoros externos. Esta mãe ressaltou, ainda, a importância da participação da irmã neste período: “Ela gosta muito, a irmã canta e toca violão pra ela desde a barriga e acredito que cria uma conexão, relaxa e ajuda no desenvolvimento”.

Parizzi e Rodrigues (2020) ressaltam que essa predisposição intuitiva para uma primeira estimulação musical é advinda da “Parentalidade Intuitiva”. Sobre as sensações que a música desperta, dentre elas o fato de o bebê sentir-se seguro, a Mãe G comentou: “Com toda certeza a música desperta no bebê uma sensação de tranquilidade, paz, carinho, harmonia. A criança se sente segura e através da

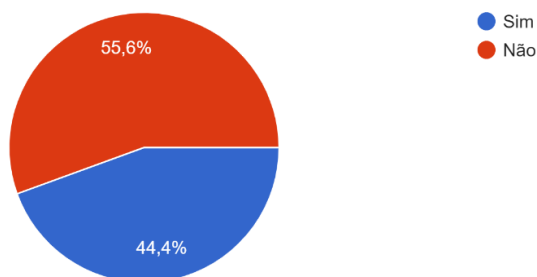
música aprende muitas coisas, palavras, atos, ações”. A mãe H mencionou a influência do próprio gosto pela música: “Porque eu gosto, ela gosta, porque anima, porque é divertido”.

5.3 VIVÊNCIAS MUSICAIS FAMILIARES

Na sessão “Vivências Musicais Familiares” foi questionado às participantes se, quando eram bebês, seus pais ou responsáveis cantavam para elas. De dez respondentes, apenas quatro responderam afirmativamente.

Gráfico 3 – Hábitos musicais familiares

Você sabe se, quando você era bebê, seus pais ou responsáveis cantavam para você?
9 respostas



Fonte: Autora (2021)

As quatro mães que afirmaram lembrarem que seus pais cantavam para elas quando pequenas foram as mães B, C, H, I. Estas mães estão na faixa etária de 31 a 52 anos de idade, e são residentes nos estados do Paraná, Santa Catarina, e duas do Rio Grande do Sul.

Quadro 7 – Canções utilizadas por seus pais quando bebês

Nome	Idade	Canções utilizadas por seus pais quando bebês
Mãe B	52 anos	Ciranda cirandinha, mãezinha do céu, nana nenê, alguma coisa da igreja também
Mãe C	31 anos	Mãezinha do Céu, músicas em italiano e Canções de ninar.
Mãe H	36 anos	Bate palminha, roda cutia, canções de ninar.
Mãe I	31 anos	Músicas populares infantis

Fonte: Autora (2021)

As mães relataram que as principais canções utilizadas foram as infantis, folclóricas e religiosas. A mãe C enfatizou que, além de canções em português, durante sua infância, seus pais ou responsáveis também tinham o costume de cantar em italiano.

Buscando uma comparação entre o que foi cantado para estas mães quando pequenas e o que elas cantam agora para seus bebês, a mãe B afirmou que, quando pequena, cantavam para ela canções folclóricas e religiosas. Atualmente, durante sua prática, utiliza canções infantis e folclóricas, como “Boi de várias cores, atirei o pau no gato, galinha pintadinha, sapo cururu, ciranda cirandinha, canções folclóricas...” a utilização das mesmas canções perpetua-se.

A mãe C relatou que em sua infância cantavam para ela canções de ninar, canções religiosas e canções em italiano. Atualmente, a mãe C também canta, mas com intenções diferentes. Conforme seu relato: “Músicas que envolvem os sons e os animais. Cadê, Meus dedinhos e todas as músicas das vivências que aprendemos. Não lembraria de todos os nomes das músicas. Mas, às vezes inventamos algumas canções, também.”

Conforme mães H e I, quando pequenas, cantavam para elas canções populares infantis e de ninar. Atualmente, ambas as mães, quando cantam para seus bebês, entoam canções infantis populares e algumas que elas mesmas inventam.

5.4 OPINIÃO PESSOAL SOBRE A PRÁTICA DO CANTO

Por fim, a última questão convidou as mães a opinarem sobre o que acham da prática do canto com bebês. Como resultado, todas as mães disseram acreditar ser benéfico ao bebê, seja por meio de estímulos ou de entretenimento.

Quadro 8 – Opinião pessoal das mães com relação a prática do canto

Nome	Idade e sexo do(a) Bebê	Opinião pessoal sobre a prática do canto
Mãe A	nove meses - menina	Muito positiva.
Mãe B	dois anos - menina	Acho bem relaxante, estimulante, importante, pois ajuda no desenvolvimento. Pois aprende de uma maneira lúdica.
Mãe C	dois anos - menina	Uma excelente oportunidade para brincar juntamente em família. Além, de todos os benefícios para o desenvolvimento cognitivo e motor do bebê.
Mãe D	um ano - menino	Acho ótimo, educativo e ajuda na interação com a família.
Mãe E	um ano e seis meses - menino	Importantíssima.
Mãe F	cinco meses - menino	Acredito que tragam uma sensação boa ao bebê, que o aproxima da pessoa que canta para ele.
Mãe G	um ano - menina	Acho muito importante pois desenvolve muitas coisas nos bebês.
Mãe H	um ano e um mês - menina	Divertida.
Mãe I	um ano - menina	Acho essencial para o desenvolvimento infantil. Tanto no âmbito da fala, quanto na percepção musical, desenvolvimento da consciência corporal e na inserção cultural.
Mãe J	dois anos - menino	Excelente.

Fonte: Autora (2021)

Para Parizzi e Rodrigues (2020, p. 46), “o contato precoce com a música cria condições para que a criança venha compreendê-la e seja capaz de comunicar as suas próprias “ideias musicais” expressando-se de uma forma autônoma e independente”. Neste sentido, a mãe I, foi a única dentre as respondentes que fez referência ao desenvolvimento musical do bebê, “acho essencial para o desenvolvimento infantil. Tanto no âmbito da fala quanto no da percepção musical, desenvolvimento da consciência corporal e na inserção cultural”.

As mães C, D e F relataram sobre como esta prática além de auxiliar no desenvolvimento do bebê, também auxilia na conexão familiar. “Uma excelente oportunidade para brincar juntamente em família. Além de todos os benefícios para o desenvolvimento cognitivo e motor do bebê” (Mãe C), “Acho ótimo, educativo e ajuda na interação com a família” (Mãe D) e “Acredito que tragam uma sensação boa ao bebê, que o aproxima da pessoa que canta para ele” (Mãe F).

As mães A, E, H e J, relataram respectivamente que para elas a prática do canto com o bebê é excelente, muito positiva, importante e divertida. Os

depoimentos das mães corroboram a teoria de Gordon (2015), que enfatiza a importância da utilização da música para o desenvolvimento do bebê.

5.5 SÍNTESE DOS RESULTADOS

A partir dos dados coletados, não houve informações o suficiente para afirmar se a idade das mães é um fator determinante na prática do canto. Entretanto, notou-se que as mães acima dos 31 anos, em sua maioria, relataram que uma das motivações para utilizarem-se do canto é para o auxílio no desenvolvimento do bebê, principalmente relacionado a fala.

Outro fator de destaque foi a profissão das participantes. Houve uma abrangência tanto da área de humanas quanto de exatas. As mães que trabalhavam na área da educação e da saúde, em sua maioria, mencionaram a utilização do canto como ferramenta no desenvolvimento e aprendizado de novas funções.

Relacionado aos principais momentos em que a prática do canto ocorria, a maioria das mães utilizam o canto principalmente para dar banho, brincar e para dormir. Seguido pela utilização na hora da alimentação e relaxamento do bebê. Houve também uma breve menção de algumas mães sobre a utilização na hora da troca de fraldas e em momentos que estão na pracinha, passeando. Reforçando dados referentes a outras pesquisas, que remetem a utilização do canto como facilitador e regulador de emoções e sensações.

Ao cantar, as mães utilizavam principalmente repertórios voltados ao público infantil. Constituídos de músicas folclóricas e outras canções de conjuntos musicais voltados ao mesmo público, tais como; Mundo Bitá e Galinha Pintadinha. Neste sentido, em contrapartida as canções que as mães relatam ouvir em sua infância, percebe-se uma ascensão de conjuntos musicais que tenham como objetivo, lançar músicas destinadas ao público infantil. Canções estas com letras voltadas ao ensino de cores, animais, partes do corpo.... Para além das canções folclóricas e voltadas ao público infantil, duas mães relataram ter em seu repertório canções que não são diretamente ligadas aos mesmos.

Outro aspecto que chamou atenção durante a análise, foi o fato de apenas três mães, sendo elas professoras, as únicas que fizeram menção a utilização de canções inventadas e/ou melodias aleatórias. Entende-se que por trabalharem na área da educação tendem a explorar o fazer musical, para além do que já se tem pronto.

As mães participantes desta pesquisa, utilizam-se do canto porque em sua opinião é ótimo para criar conexão afetiva, interação familiar e para um melhor desenvolvimento integral do bebê. Apesar de não ser o foco desta pesquisa, vale ressaltar que dentre as participantes, apenas uma mencionou a utilização de estímulos musicais durante a gestação.

Voltado ao hábito musical em suas famílias, quatro das dez mães mencionaram que lembram de seus pais/responsáveis cantando para elas. Durante este ato, o repertório utilizado variou de canções folclóricas, de ninar e de cunho religioso. Percebe-se que estas participantes em sua maioria, utilizam-se do repertório que para elas foi apresentado quando pequenas. Entende-se então, que a prática do canto pode ultrapassar e influenciar gerações.

De forma geral, a opinião das mães participantes com relação ao uso do canto com bebês foi muito positiva, destacando seu papel no desenvolvimento do bebê e no fortalecimento da relação afetiva entre os familiares. Ressalta-se inclusive, que a única mãe que não tem o costume de cantar para seu filho, categorizou a ação como algo que traz uma sensação boa ao bebê e que o aproxima da pessoa que canta para ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei essa pesquisa, nos primeiros meses deste ano, detinha um breve conhecimento relacionado às implicações teóricas e práticas sobre a relação música e o bebê. Até então, havia tido a oportunidade de vivenciar o trabalho de musicalização com esta faixa etária, apenas de maneira remota, através da primeira edição do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias” em 2020.

Desde então essa temática, em um modo figurativo, me abraçou. Durante o fazer desta pesquisa, tive a oportunidade de começar a trabalhar musicalização com bebês de maneira presencial, observando e admirando “ao vivo” a interação entre a exploração, apreciação e fazer musical desta idade. Neste caminho também tive a oportunidade de participar de um grupo de estudos voltado às implicações da relação música e bebê, intitulado “Colóquios do Grupem: O Bebê e a Música”. Essas experiências só agregaram para a realização desta pesquisa, que, sobretudo, buscou investigar a prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade.

Através da revisão de literatura, foi possível notar que a temática canto dirigido para bebês possui, ainda, poucos artigos publicados em revistas brasileiras. Apesar disso, é necessário mencionar que o assunto “bebê e a música” é emergente, e possui cada vez mais teóricos e pesquisadores nesta área. Neste sentido, é fundamental enfatizar a importância do projeto de extensão citado acima, o qual objetivava proporcionar momentos de vivências musicais para bebês e famílias. Derivado desta ação, inúmeras pesquisas poderão ser apresentadas, nos mais diferentes aspectos da temática, e, sobretudo, mais famílias terão acesso a uma educação musical de qualidade para com seus bebês, visto que o projeto acontecia de forma gratuita.

As concepções sobre o bebê como um ouvinte sofisticado desmistificam as dificuldades que se acreditava o mesmo possuir. A partir destas pesquisas e concepções, o trabalho pedagógico musical será fomentado e melhor estruturado.

Às questões que permeavam essa pesquisa, sendo elas: as mães cantam dirigidamente para seus bebês? Tendo em vista que cantam, em quais momentos

acontecem essa prática? Quais os motivos que levam as mães a cantarem dirigidamente para seus bebês? Foram respondidas ao decorrer desta pesquisa.

Conclui-se que as 10 mães participantes do projeto de extensão, em sua maioria, cantam dirigidamente para seus bebês desde a mais tenra idade. Utilizam-se do canto principalmente ao dar banho, para brincar e ao dormir, sendo incluído também, em outros momentos de suas rotinas diárias. Sobre os motivos que as levam a cantarem dirigidamente aos seus bebês, as mesmas, afirmaram que o utilizam, pois é uma ótima ferramenta para criar conexão afetiva, interação familiar e para um melhor desenvolvimento integral do bebê.

A importância desta pesquisa, se dá, pois, como educadores musicais, é de extrema importância que a prática musical nas aulas com bebês seja coerente com o contexto na qual ele está inserido, entretanto, não limita-se somente a isso. Os profissionais nesta faixa etária trabalham a música em conjunto aos pais das crianças, este é um processo de via dupla.

Entender o contexto musical na qual seu aluno está inserido fará total diferença nas propostas formais de ensino de música que o professor oferecerá. A estimulação do canto dirigindo entre mães e bebês, torna-se um primeiro contato com esta prática musical. A visão da educação musical como área de conhecimento, é um dos objetivos a serem alcançados, visto que apenas uma das dez mães fez menção da prática do canto para o próprio desenvolvimento musical.

Ao finalizar desta pesquisa afirmo que as questões propostas foram respondidas, entretanto, durante o fazer da mesma, percebi que o campo pode ser explorado em diferentes aspectos. Partindo disto, questiono-me, de que maneira o gosto musical dos pais influencia a prática musical dos filhos? Será que o sexo do bebê influencia na maneira que são conduzidas as vivências musicais, a escolha de repertórios e estímulos? De qual maneira a profissão das mães influencia na prática musical com o bebê? Bem como sua idade? Quanto a região na qual a pessoa está convivendo, qual sua influência na prática musical? Questões essas, para serem respondidas em futuras pesquisas.

Em minha introdução, relato como as melodias cantadas por minha mãe me influenciaram nesta jornada, e agora, após a finalização desta pesquisa, vejo como

além de ter sido uma pesquisa para conclusão de curso, também foi uma pesquisa de cunho afetivo. Como educadora musical, estudar a relação música e bebê, tem me ajudado não só com as aulas dos mesmos, mas também para as outras faixas etárias. Entender o início, facilita a jornada. O processo de escrita e pesquisa deste trabalho de conclusão de curso, não foi fácil, devido a rotina corrida e a pouca experiência como pesquisadora, mas, com toda certeza serviu para um grande aprendizado e crescimento profissional e pessoal. Acredito profundamente, que esta é apenas a primeira pesquisa das muitas que ainda farei nesta área.

REFERÊNCIAS

ADDESSI, Anna Rita. Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da “troca de fraldas”. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 27, p. 21-30, jun./2011.

Disponível em:

<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/157>. Acesso em: 8 abr. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2016.

BEYER, Esther. A interação musical em bebês: algumas concepções. **Revista do Centro de Educação UFSM**, Santa Maria, v. 28, n. 2, p. 1-7, jul./2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4167>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BOGDAN, R. S.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 12 ed. 1994. Acesso em 8 abr. 2021.

BORTOLETTO-DUNKER, Ana Cristina; LORDELO, Eulina da Rocha. Um novo bebê: interpretações sobre competências. **Psicologia: ciência e profissão**, vol.13, n.1-4, p. 10-15, 1993. Acesso em 21 out. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Acesso em: 15 de out 2021.

BRAZ, S. F.; SALOMÃO, N.M.R. A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o “Input” materno e suas variações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Paraíba, v. 15, n. 2, p. 333-344, 2002. Acesso em: 18 out 2021.

BROOCK, Angelita Vander; ILARI, Beatriz. A relação afetiva entre mães e os bebês através da música. **XIII Encontro Anual da ABEM**. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em:

http://abemeducacaomusical.com.br/congressos_realizados_ver.asp?id=21.

Acesso em: 19 abr. de 2021

CARNEIRO, Aline; PARIZZI, Betânia. “Parentalidade intuitiva” e “musicalidade comunicativa”: conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida. **Revista da Abem**, Londrina, v. 19, n. 25. 89-97. Jan/Jul 2011. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed25/revista25_artigo8.pdf. Acesso em: 8 abr. 2021.

CORBEIL, Marieve; TREHUB, Sandra E.; PERETZ, Isabelle. Speech vs. Singing: infants choose happier sounds. **Frontiers in Psychology**, v. 4, jun. 2013. Acesso em: 8 abr. 2021.

CORBEIL, Marieve; TREHUB, Sandra E.; PERETZ, Isabelle. Singing Delays the Onset of Infant Distress. **Infancy**, 2016, p. 373-391. Acesso em: 8 abr. 2021.

COSTA-GIOMI, Eugenia. Mode of Presentation Affects Infants' Preferential Attention to Singing and Speech. **Music Perception**, Butler School of Music, University of Texas-Austin, v. 32, n. 2, p. 160-169, dez. /2014. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/mp/article-abstract/32/2/160/62249/Mode-of-Presentation-Affects-Infants-Preferential?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 8 abr. 2021.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e Bebês: vivência e linguagem musical. **Revista Música Hodie**, v.05, fev./2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/2656>. Acesso em: 8 abr. 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Acesso em: 18 out 2021.

GORDON, Edwin E., **Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar**. 4ª edição revista e aumentada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015. 182p.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, n. 07, p. 83-90, set./2002. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435>. Acesso em: 8 abr. 2021.

ILARI, Beatriz Senoi. **Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados**. Curitiba: Ibpex, 2009.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. **Em Pauta**, Porto Alegre, V.11, n. 16/17, abr./nov., p.50-73, 2000. Acesso em: 18 out 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NAKATA, Takayuki; TREHUB, Sandra E. Infants' responsiveness to maternal speech and singing. **Infant Behavior & Development**, 2004. Acesso em: 18 abr. 2021.

OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de; SUZUKI, Amanda Caroline; PAVINATO, Graziela Aparecida; SANTOS, João Vitor Luiz dos. A importância da família para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da aprendizagem: um estudo teórico. **Revista Científica Intr@ciência**, 19 ed. Jun/2020. Acesso em: 15 out 2021.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf> Acesso em: 18 abr. 2021.

O'NEILL, Colleen T.; TRAINOR, Laurel J.; TREHUB, Sandra E. Infants' Responsiveness to Fathers' Singing. **Music Perception**, V. 18, n. 4, p. 409-425, 2001. Acesso em: 18 abr. 2021.

PARIZZI, Betânia; RODRIGUES, Helena. **O Bebê e a Música**. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê**. São Paulo: Editora Instituto Langage, 2019.

RANIRO, Juliane; JOLY, Ilza Zenker Leme. Compartilhando um ambiente musical com bebês: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses. **XIX Congresso Anual da ABEM**. Goiânia: 2010. Pág. 589 – 697. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abemcongresso_2010_parte1.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.

SILVA, Dalila Mayara; PARIZZI, Betânia. O desenvolvimento musical do bebê nos dois primeiros anos de vida: um estudo exploratório. **XXVI Congresso da ANPPOM**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/data/referencias/ver/O-desenvolvimento-musical-do-bebe-nos-dois-primeiros-anos-de-vida--um-estudo-exploratorio>. Acesso em: 1 nov. 2021.

STIFFT, Kelly; BEYER, Esther. A relação mãe-filho no projeto “música para bebês”: um estudo sobre possíveis interferências no desenvolvimento musical dos bebês. **Revista do Centro de Educação UFSM**, Santa Maria, v. 28, n. 01, p. 93-99, jun./2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4328>. Acesso em: 8 abr. 2021.

TRAINOR, Laurel J. Infant preferences for infant-directed versus non-infant-directed playsongs and lullabies. **Infant Behavior and Development**, 19, 83–92.

1996. Disponível em
<https://trainorlab.mcmaster.ca/publications/pdfs/trainor_1996.pdf.> Acesso em: 20 set. 2021.

TREHUB, Sandra; HILL, David; KAMENETSKY, Stuart. Parents' sung performances for infants. **Canadian Journal of Experimental Psychology**, v. 51, p. 385-396, 1997. Acesso em: 8 abr. 2021.


TREHUB, Sandra E.; PLANTINGA, Judy Plantinga; RUSSO, Frank A. Maternal Vocal Interactions With Infants: Reciprocal Visual Influences. **Social Development**, 2015. Acesso em: 8 abr. 2021.

TREHUB, Sandra E.; GUDMUNDSDOTTIR, Helga Rut. Mothers as Singing Mentors for Infants. **Oxford Handbook**, jan/2015. Acesso em: 28 out. 2021.
VILARINHO, Fabiana de Freitas Angulo; RUAS, José Jarbas. Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos. **Opus**, v. 25, n. 3, p. 357-382, set./dez. 2019. DOI:
<http://dx.doi.org/10.20504/opus2019c2516>. Disponível em:
www.researchgate.net/publication/337497641_Os_efeitos_da_musicalizacao_para_o_desenvolvimento_musical_em_bebes_de_zero_a_dois_anos. Acesso em: 8 abr. 2021.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Canções para embalar o sono: uma pesquisa sobre os acalantos. In: MARQUES, Cláudia de Araújo; OLIVEIRA, Renato Gonçalves de (Orgs.). **Processos educacionais e artísticos da performance musical** [recurso eletrônico]: uma prática com propósito. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019, p. 199-209. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/32863>. Acesso em: 01 nov. 2021.


YOUNG, Susan. Lullaby light shows: everyday musical experience among under-two-year-olds. **International Journal of Music Education**, University of Exeter, UK, v. 26, p. 33-46, fev./2008. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0255761407085648>. Acesso em: 8 abr. 2021.

ANEXO A – FORMULÁRIO SOBRE AS PRÁTICAS DO CANTO EM FAMÍLIA



Vivências Musicais para Bebês e Famílias

Coleta de dados sobre a prática do canto com os bebês.

djeniffer-chassot@uergs.edu.br [Alternar conta](#) 

*Obrigatório

E-mail *

Seu e-mail _____

Nome do responsável pelo bebê que participou das Vivências: *

Sua resposta _____

(continuação...)

<p>Número do WhatsApp com DDD: *</p> <p>Sua resposta _____</p>
<p>O responsável é: *</p> <p><input type="radio"/> Mãe</p> <p><input type="radio"/> Pai</p> <p><input type="radio"/> Outro: _____</p>
<p>Profissão do responsável: *</p> <p>Sua resposta _____</p>
<p>Idade do responsável: *</p> <p>Sua resposta _____</p>

(continuação...)

Cidade em que reside: *

Sua resposta

Quantos filhos tem? Idade de cada um? *

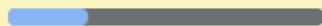
Sua resposta

Você costuma cantar para seu bebê? *

Sim

Não

Próxima



Página 1 de 4

Limpar formulário

(continuação...)

Sobre a prática do canto com o bebê

Em qual momento você canta para seu bebê? (pode assinar mais de uma) *

Para tomar banho

Para dormir

Para se alimentar

Para brincar

Para relaxar

Outro: _____

Quais músicas você costuma cantar para o seu bebê? *

Sua resposta

Qual o motivo para você cantar para o seu bebê? *

Sua resposta

Você sabe se, quando você era bebê, seus pais ou responsáveis cantavam para você? *

Sim

Não

Voltar

Próxima

Página 2 de 4 Limpar formulário

(continuação...)



Vivências Musicais para Bebês e Famílias

djeniffer-chassot@uergs.edu.br [Alternar conta](#) 

*Obrigatório

Vivências Musicais Familiares

Você sabe o que seus pais ou responsáveis cantavam para você? *

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)

Página 3 de 4 [Limpar formulário](#)

(continuação...)

Opinião pessoal

O que você acha da prática do canto para bebê? *

Sua resposta


Agradecemos sua participação!

Sua resposta

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

[Voltar](#) [Enviar](#) [Página 4 de 4](#) [Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

 **reCAPTCHA**
[Privacidade](#) [Termos](#)